



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

DANIELE AKEMI OSHIRO ZANONI

**“CARTAS MATTOGROSSENSES” (1920): CONCORDÂNCIA NOMINAL EM UMA
ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**

Campo Grande/MS
2016

DANIELE AKEMI OSHIRO ZANONI

**“CARTAS MATTOGROSSEENSES”(1920) : CONCORDÂNCIA NOMINAL EM UMA
ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. Miguél Eugenio Almeida

Campo Grande/MS
2016

DANIELE AKEMI OSHIRO ZANONI

**“CARTAS MATTOGROSSESES”(1920) : CONCORDÂNCIA NOMINAL EM UMA
ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente, Prof. Dr. Miguél Eugenio Almeida.
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Carvalho
Universidade Federal Fluminense/UFF

Prof. Dr. Daniel Abrão– Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins– Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 12 de maio de 2016.

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes na minha vida.

Ao meu marido, pelo carinho e compreensão;

Aos meus pais;

Às minhas irmãs ;

Aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela SUA presença constante em minha vida;

Ao meu marido Aldo Alexandre de Meneses Zanoni, pelo apoio nos momentos
essências desta jornada;

À minha família, por serem compreensivos pelas minhas ausências nas reuniões
familiares, pela sabedoria e simplicidade;

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pela concessão da bolsa de estudo;

Ao Departamento de Letras, pela oportunidade de realizar este curso;

Ao Prof. Dr. Miguél Eugenio Almeida, por suas orientações e esclarecimentos
fundamentais para a minha pesquisa;

Ao Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes, pelas contribuições pontuais na finalização
deste trabalho;

À Prof^a.Dr^a.Aline Saddi Chaves, pelas contribuições pontuais na finalização deste
trabalho;

“A incompreensão do presente nasce da ignorância do passado”.

(BLOCH, Marc Leopold Benjamin)

RESUMO

Oshiro, Daniele Akemi .“ ***Cartas Mattogrossenses***”(1920): **Concordância Nominal em uma abordagem Historiográfica** /Daniele Akemi Oshiro -2016.109f. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração em Linguagem: Língua e Literatura) - Unidade Universitária de Campo Grande, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,Campo Grande,2016.

Este trabalho situa-se na Historiografia da Linguística e busca compreender o processo da sintaxe da concordância nominal do português nas *Cartas Mattogrossenses* (1920), publicadas no jornal *O Paiz* (Rio de Janeiro). O *corpus* deste trabalho é constituído por fonte documental da Biblioteca Nacional Digital, que retrata o Estado de Mato Grosso do Sul, então, Mato Grosso. Para verificarmos o levantamento das ocorrências das concordâncias nominais, adotamos como aportes teóricos, o procedimento-metodológico; os princípios de Koerner (1995): Contextualização, Imanência e Adequação; a contextualização- visão analítica sobre os eventos dos estudos da linguagem empregados historicamente; Imanência-análise da obra, numa visão linguística; adequação – aproximação entre o passado e o presente das ocorrências dos elementos internos da língua aportando como bibliografias, as gramáticas dos pesquisadores Pereira (1926) e Rocha Lima (2014).

Palavras-chaves: Historiografia da Linguística. Concordância Nominal.

ABSTRACT

Oshiro, Daniele Akemi. "Cartas Mattogrossenses"(1920): Nominal Agreement in a historiographical approach. / Daniele Akemi Oshiro -2016.109f. Thesis (Master's Degree in Linguistics) – (Master of Arts, a major in Language: Language and Literature) – Unidade Universitária de Campo Grande, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

This paper takes place in the historiography of linguistics and tries to comprehend the syntax's process of nominal agreement in the letters on Cartas Mattogrossenses (1920), published in the newspaper called O Paiz (Rio de Janeiro). This paper analyzes a documentary source from the National Digital Library, which describe the state of Mato Grosso do Sul, called just Mato Grosso at the time. To survey the nominal agreements occurrences, we used as theoretical support, the methodological procedure; the principles of Koernal (1995): Contextualization, Immanence and Adequacy. The analytic contextualization over the studies of the language historically employed; Immanence of the work in a linguistic sight; Adequacy – a connection between the past and the present of the internal elements occurrences of language. This was divided in three chapters. The first presents the theoretical and methodological principles in historiography linguistics, a brief history of the state of Mato grosso do Sul and the contextualization of Cartas Mattogrossenses (1920). The second chapter is based on the Immanence process, using as bibliography grammars from Prereira (1926) and Rocha Lima (2014). The third chapter is the survey and analysis of the documentary source, checking the nominal agreements occurrences in the letters.

Keywords: Historiography Linguistics, Nominal Agreement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA.....	15
1.1 Breve históricos da Historiografia Linguística.....	15
1.1.1 A Historiografia Linguística no Brasil.....	18
1.1.2 A concepção da Historiografia Linguística.....	20
1.2 Princípios e procedimentos da Historiografia da Linguística.....	23
1.2.1 Etapas da elaboração da narrativa historiográfica.....	26
1.3 A História de Mato Grosso do Sul.....	29
1.4 O contexto das “Cartas Mattogrossenses” (1920).....	33
2. A CONCORDÂNCIA NOMINAL NAS PERSPECTIVAS DE EDUARDO CARLOS PEREIRA (1926) E CARLOS HENRIQUE DA ROCHA LIMA (2014).....	47
2.1 Concordância Nominal em Eduardo Carlos Pereira (1926).....	46
2.1.2 Concordância Nominal do adjetivo com o substantivo.....	47
2.1.3 Concordância do pronome.....	50
2.2 Concordância Nominal em Carlos Henrique da Rocha Lima (2014).....	51
2.2.1A concordância nominal do substantivo empregado como adjetivo;.....	51
2.2.2Papel do artigo.....	54

2.2.3 Concordância do adjetivo com o substantivo.....	57
2.2.4 Concordância do numeral	58
2.2.5 Concordância do pronome.....	59
3. A ANÁLISE DAS CARTAS MATTOGROSSESES (1920): LEVANTAMENTO E ANÁLISE DO CORPUS LINGUÍSTICO.....	64
3.1 O Levantamento gráfico da concordância nominal.....	63
3.1.1 A Concordância Nominal do Nome com os Artigos Definidos e Indefinidos nas cartas	64
3.1.2 A Concordância Nominal do Nome com os Pronomes Pessoais, Possessivos, Demonstrativos e Indefinidos nas Cartas.....	66
3.1.3 A Concordância Nominal dos Nomes com os Adjetivos Compostos, Uniformes e Biformes nas Cartas.....	71
3.2 Quadro das ocorrências nominais e discussão dos dados.....	73
3.3 <i>A imprevidencia nacional</i> – Jornal <i>O Paiz</i> (1920).....	74
3.4 <i>A viagem do Rio a Cuyaba</i> - Jornal <i>O Paiz</i> (1920).....	75
3.5 <i>À vida pastoril e Agraria do Estado</i> - Jornal <i>O Paiz</i> (1920).....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
ANEXOS.....	89
Anexo 1: Cartas mattogrossenses II.....	88

Anexo 2: <i>Cartas mattogrossenses</i> VI.....	94
Anexo 3: A imprevidencia nacional.....	102
Anexo 4: A Gramática Expositiva Curso Superior ,Pereira (1926).....	106
Anexo 5: A Gramática Expositiva Curso Superior ,Pereira (1926).....	107
Anexo 6: A Gramática Expositiva Curso Superior ,Pereira (1926).....	108
Anexo 7: A Gramática Expositiva Curso Superior ,Pereira (1926).....	109

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda sobre a Historiografia Linguística, tendo como base *As Cartas Mattogrossenses*, datadas de 1920, *corpus* em que se pretende levantar questões relacionadas à categoria gramatical do uso, na escrita, da concordância nominal, mas sob o aspecto externo da língua contexto do Estado de Mato Grosso do Sul, então, Mato Grosso. Assim, verificamos como ocorrem o uso das regras de concordância nominal em *Cartas Mattogrossenses*.

Este *corpus* foi retirado da Biblioteca Nacional Digital que faz parte da Fundação Biblioteca Nacional, considerada a maior biblioteca da América Latina, possui cerca de 100 milhões de itens como acervo. A preferência pela obra foi feita a partir do conteúdo e exaltando a beleza geográfica e cultural do Estado e também pelo fato de abordar a influência histórica e cultural dos japoneses para o desenvolvimento da agricultura local. O Estado em que a imigração nipônica ocorreu em número elevado, considerado uma das maiores colônias do Brasil, fatos que foram essenciais para a elaboração dos capítulos seguintes.

Para tanto, as análises das feitas pela metodologia da Historiografia da Linguística ocorrem mediante a aplicação dos princípios: a) contextualização - visão analítica sobre os eventos dos estudos da linguagem empregados historicamente; b) imanência- análise da obra numa visão linguística; c) adequação – aproximação entre o passado e o presente das ocorrências dos elementos internos da língua.

Segundo, o pesquisador da Historiografia da Linguística:

Koerner (1995) descreve, “ [...] que discute a formação do pesquisador em Historiografia da Linguística: em sua visão, o historiógrafo precisa ser dotado de uma dupla habilidade, a linguística e a histórica, ao lado do conhecimento da filosofia e a história das ciências.”

Para o entendimento e o progresso da pesquisa em Historiografia da Linguística a linguística e a história deverão ser concomitantemente estudos pelo pesquisador.

Outro, estudioso da área decorre Batista (2013, p.49) “Importante destacar que a Historiografia da Linguística não toma por objeto a língua e seus fenômenos,

mas o que foi dito e produzido (em contextos sociais e históricos) a respeito das línguas e seus fenômenos.”

Ou, ainda pesquisadora da área desenvolve:

História e historiografia da Linguística têm, pois, estatutos e dimensões diferentes. Principalmente não são coextensivas. Suas relações são comparáveis àquelas existentes entre uma gramática descritiva e a língua que ela descreve [...]. Assim como a gramática não esgota (e nem pretende esgotar) a língua sob a descrição em toda sua complexidade, o trabalho historiográfico também efetua um recorte. (ALTMAN,1988)

A coexistência da história e da linguística, é a sua importância para a pesquisa, é afirmada na citação anterior.

Esse trabalho tem como objetivo analisar as ocorrências da concordância nominal, dentro da perspectiva da Historiografia da Linguística, a partir de 1920, até os dias atuais, servindo inicialmente ao *corpus* em questão a gramática de Eduardo Carlos Pereira (1926) de parâmetro de análise desta pesquisa, finalizando com a obra de Carlos Henrique da Rocha Lima (2014), em contrapartida, em melhor , aproximação e /ou distância teórica.

A pesquisa pretende compreender o estado da língua verificando a concordância nominal e sua transformação. Logo, faremos uma descrição de suas análises a partir das *Cartas Mattogrossenses* , documentos do início do século XX, publicadas no jornal *O Paiz* na cidade do Rio de Janeiro, em que retrata o então Estado de Mato Grosso do Sul. As obras utilizadas são Eduardo Carlos Pereira (1926) e Carlos Henrique da Rocha Lima (2014). ¹

Os capítulos deste trabalho são divididos em três partes, seguindo os princípios de Koerner; o primeiro capítulo faz a contextualização da história de Mato Grosso do Sul e os princípios teóricos e metodológicos, da Historiografia da Linguística no segundo capítulo, aplica-se o princípio da imanência em que se baseia nas obras Eduardo Carlos Pereira (1926) e Carlos Henrique da Rocha Lima (2014) por fim, no último capítulo há o princípio da adequação que consiste na aproximação entre o passado e o presente das ocorrências dos elementos internos da língua. No caso, dentro o *corpus* há a análise de três cartas; *Carta Mattogrossense II – Viagem do Rio*

¹ A última edição, enquanto gramático vivo foi a de 1991.

e *Cuyaba*, em que retrata a viagem do Rio de Janeiro até Cuiabá, dando ênfase nos aspectos da natureza local e dos habitantes. A segunda carta; *Carta Mattogrossense VI- À vida pastoril e agrária do Estado*, retrata o desenvolvimento agrário do Estado (Mato Grosso), com a participação ativa dos japoneses nesse cenário e por último a carta; *A imprevidência nacional*, desenvolvida para agradecer a coletânea da exploração de região Sul de Mato Grosso que deu origem as *Cartas Mattogrossenses*.

A relevância dessa pesquisa está em mostrar as ocorrências da sintaxe da concordância nominal entre o período de 1920 até 2015, há aproximadamente, 100 anos. A sua transformação influencia a escrita e a fala dos usuários da língua portuguesa. Assim, o levantamento de dados é importante para os pressupostos da Historiografia Linguística, relatando as mudanças da concordância nominal, utilizando como base as *Cartas Mattogrossenses*, uns dos documentos pioneiros que relatando o então Estado de Mato Grosso.

1. PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

1.1 Breve histórico da Historiografia Linguística

A compreensão do mundo contemporâneo vem das observações e análises das memórias do passado. Os registros dos acontecimentos passados giram em torno da manifestação humana, especificamente concentrada na linguagem verbal. Uma manifestação humana que se insere no homem no meio social, como objetivo de reflexão histórica, política, social e cultural. (BATISTA, 2013, p.14)

Sobre o conceito da disciplina o pesquisador Batista afirma que:

A Historiografia da Linguística, nesse sentido, é a disciplina que utilizando um arsenal metodológico, descreve e interpreta como conhecimento linguístico foi adquirido, desenvolvido, transmitido e até mesmo esquecido no decorrer do tempo. (BATISTA, *op.cit*, p.11)

Basicamente, a Historiografia Linguística descreve e interpreta os fatos da língua aplicando os princípios metodológicos externos (contextualização) e internos (imanência e adequação).

A Historiografia Linguística (HL) é uma subárea da linguística. “Tal reflexão recebe de historiografia linguística e toma como objetivo a pesquisa dos estudos sobre as línguas e a linguagem, em diferentes recortes temporais”. (*Idem, ibidem*, p.15).

As variações linguísticas atingem sempre uma parte, e não o todo da língua, o processo segue alternando com mutações e permanências, reforçando a ideia de dinâmica na consciência do falante. A percepção de mudanças ocorre em um olhar antagônico, por exemplo, os falantes são expostos a textos arcaicos; ou à convivência de falantes bem mais jovens, ou bem mais velhos; ou ao encontro de falantes com pouca escolaridade com o indivíduo letrado.

Segundo Faraco (2005):

As línguas humanas não são estáticas, estão sempre em movimento e mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua

configuração estrutural altera continuamente no tempo. (FARACO, 2005, p.14)

As ocorrências das línguas influenciam significativamente no estudo da Historiografia Linguística.

Complementado a definição supracitada, Batista (2013) acentua:

Observar a linguagem humana (as línguas e seus fenômenos), colocá-los em posição de reconhecimento de uma complexidade. Podemos afirmar que a essência do humano está de fato relacionada à propriedade linguística. Dessa forma, examinar a estrutura e o funcionamento da linguagem é não só se surpreender como também se esforçar para buscar teorias e explicações que possam delinear o que é a linguagem humana materializada em diferentes sistemas linguísticos. Referimo-nos a teorias e explicações no parágrafo anterior porque o que nos interessa, ao praticar Historiografia da Linguística, é descrever, analisar e interpretar o que foi dito sobre a linguagem e línguas ao longo do tempo. (Batista, 2013, p.39)

Desta maneira, não há restrição ao que considera como objeto de pesquisa em Historiografia da Linguística. Assim, a disciplina poderá demonstrar interesse por temas e consequentes objetos de análise como:

- De que forma estruturais linguísticas foram sistematizadas como objeto de estudo?
- Quais seriam os pressupostos para a sistematização, descrição e análise de línguas?
- Que teorias sobre a linguagem foram propostas?
- O que se considerou como língua e linguagem?
- Como se estabeleceram metalinguagens de tratamento linguísticos?
- Como religiões, mitos e mitologias trataram línguas e linguagens?
- Qual a percepção que os usuários têm sobre a linguagem e seus fenômenos?
- Quem forma os agentes que pensaram a linguagem?
- De que forma ideias linguísticas se estabeleceram em configurações sociais?
- Quais as relações possíveis entre ideias linguísticas e o complexo história- sociedade- ideologia- cultural?
- Quais foram os materiais (e suas condições de produção) elaborados nas diferentes propostas de tratamento de questões linguísticas?
- Como se processaram as formas de ensino de língua?
- De que modo foram se configurando e desenvolvendo tradições de tratamento de línguas e linguagens? (*Idem, ibidem, p.41*).

Essa disciplina entrou em cena, a partir de 1970, com publicação e divulgação de trabalhos de pesquisadores que auxiliaram, assim, a sua legitimidade com a área de pesquisa nos estudos linguísticos.

Dentre os intelectuais europeus podemos citar Konrad Koerner, Pierre Swiggers e Sylvain Aurox. Pesquisadores que vêm demonstrando grande contribuição em termos intelectuais e organizacionais para a disciplina, destacando-se com direcionamentos teórico-metodológicos em seus trabalhos. Ao analisarmos as publicações notemos que Konrad Koerner e Pierre Swiggers se referem em seus trabalhos como *Historiografia da Linguística* e Sylvain Aurox se enquadra na *História das Ideias Linguísticas*.

As definições das nomenclaturas citadas são resumidas em:

Historiografia da Linguística compartilham a crença de que se filiam a uma tradição que se formou especialmente em torno da recepção dos trabalhos de Koerner e Swiggers (que tiveram no Brasil seus principais divulgadores Cristina Altman). Esse grupo considera a observação historiográfica como campo autônomo de pesquisa, que deve buscar sua configuração metodológica e firmar seu estatuto como ramo dos estudos linguísticos. (*BATISTA, op.cit,p.18*)

Em contra partida a *História das Ideias Linguísticas* defini-se:

[...] esse grupo procura articular o saber histórico a sua interpretação aos procedimentos da análise de discurso de linha francesa², tendo em vista investigar a constituição histórica de um sujeito da linguagem, de suas imagens simbólicas e discursivas engendradas e dos instrumentos linguísticos a essas imagens também associadas. (*Idem, ibidem,p.19*)

Com os posicionamentos distintos os pesquisadores seguiram em caminhos separados em relação ao estudo da língua e linguagem, congregando pesquisadores em diferentes centros de pesquisas.

1.1.1 A Historiografia Linguística no Brasil

No Brasil, a disciplina Historiografia Linguística entrou em cena, a partir de 1970, porém, somente em 1975 com a obra de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), publicada postumamente abrangendo de maneira considerável a história da linguística.

Diz-nos Batista (2013):

Deve-se, no entanto, ressaltar que a perspectiva adotada por Mattoso não seria aquela divulgada pelos primeiros pesquisadores em Historiografia da Linguística, isso porque o trabalho de Mattoso apresenta-se de modo diverso do que procuramos aqui expor didaticamente, considerando que o linguista brasileiro se filiou a uma tradição que buscava descrever períodos da evolução da história da linguística em perspectiva linear e escopo mais extenso, objetivando dar conta, se possível, da totalidade de uma história da linguística. (*Idem, ibidem, p.24*)

O trabalho de Câmara Jr. buscava descrever a evolução da história da linguística em uma perspectiva linear.

Conforme o pesquisador em HL²:

Assim, é possível apontar que a história de Mattoso dialoga com uma série de livros de história da linguística que foram traduzidas no Brasil durante o período da linguística 1960 e 1970 e se caracterizaram por sua visão unidimensional da linguística, sua formação e seu desenvolvimento, pois mantiveram, ainda que muitas vezes de modo implícito, o ponto de vista de que o desenrolar cronológico das épocas contém um elemento valorativo em direção a um progresso absoluto, que vê o passado como preparação para que etapas subsequentes de um determinado marco temporal corrijam supostos problemas de abordagem de dados, objetos e proposições de descrição e análise linguística. (*Idem, ibidem, p.24*)

Um conjunto de artigos foi publicado ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990 com o objetivo de iniciar uma reflexão em relação à linguística brasileira, porém ainda são trabalhos dispersos apresentados em revistas, em anais de congresso ou em prefácios a obras de outros interesses linguísticos. Podemos citar entre esses autores

² Designamos, a partir deste momento, a abreviatura HL para Historiografia da Linguística.

que começaram a divulgação da linguística brasileira: José Borges Neto, Dinah Callou, Yonne Leite, Atibaia Teixeira de Castilho, Francisco Gomes de Matos, Erasmo d'Alemida Magalhães, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Aryon Dall'Igna Rodrigues entre outros. (Batista, 2013).

A diferença de modos de observação vistos, por exemplo, Câmara Jr. e em alguns autores citados acima, daqueles propostos pela Historiografia da Linguística:

É a proposição de (ou a tentativa de) direcionamentos metodológicos que possibilitem efetivar interpretações historiográficas orientadas por diretrizes teóricas que essencialmente veem a linguística e sua história como sucessão, superposição, diálogos de tradições de propostas de descrição e análise, tendo em vista a complexidade do jogo das ideias no discurso histórico, permeado de idas e vindas de saberes e formas de conhecimento e caracterizado por projeções não lineares de continuidade e descontinuidade. (*Idem, ibidem, p.26*)

Assim Batista (2013), define o seu objetivo de análise da HL. :

A Historiografia da Linguística desconsidera como absolutamente válidas abordagens exclusivamente lineares, construídas em torno da noção de progresso e acumulação temporal valorativa de saberes, que nos induzem, quase automaticamente, a perceber o presente como melhor que o passado, então descartável, uma vez que envolto em propostas (dependendo de sua inserção histórica) não científicas, muitas vezes. Exemplar dessa perspectiva não ideal está a própria divisão de Mattoso presente em seu manual (estudos paralinguísticos, estudos pré-linguísticos, estudos linguísticos), na qual o conhecimento proposto e desenvolvido antes do século XIX é visto como uma espécie de preparação para que um conhecimento, dito científico, surgisse a partir essencialmente anos 1800 e de um método histórico-comparativo. Ou seja, na reconstrução desse tipo, uma visão positiva de ciência nos induz, muitas vezes, a compreensões equivocadas do desenrolar histórico. É exatamente como distinção a esse tipo de perspectiva de observar a história que se coloca a Historiografia da Linguística. (*Idem, ibidem, p.26*)

Deste modo, foi de fato na década de 1990 que no Brasil os trabalhos desenvolvidos no âmbito da HL. ou de uma História das Ideias Linguísticas, divulgadas por Konrad Koerner, Peirre Swiggers e Sylvain Auroux, conseguiram maior divulgação e mérito no meio acadêmico. (BATISTA, 2013)

Hodiernamente, aponta - se três grupos com grande visibilidade em relação ao desenvolvimento dos estudos em HL.:

Podem-se apontar três grupos de destaque em âmbito nacional, ainda que não compartilhem, muitas vezes, métodos e objetivos. Na Universidade de São Paulo, há o pioneiro Grupo de Estudos em Historiografia da Linguística, do Centro de Documentação em Historiografia da Linguística (CEDOCH, Departamento de Linguística da USP). Ainda em São Paulo, há os pesquisadores que se reúnem em torno do Instituto de Pesquisas Linguísticas *Sedes Sapientie* e dos cursos de Letras de pós-graduação da PUC-SP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, refletindo sobre aspectos da historiografia da língua portuguesa, produzindo trabalhos, principalmente, acerca da gramaticografia e do ensino da língua portuguesa no Brasil. E há o grupo que se reúne pesquisadores da Universidade de Campinas e participantes de outros centros acadêmicos de várias regiões do país, que realiza pesquisas para o projeto “História das Ideias Linguísticas: ética e Política de Línguas”. (*Idem, ibidem, p.28*)

Em seguida o autor, apresenta as associações que desenvolvem pesquisas pertinentes aos estudos da HL.:

Além desses grupos com coordenação concentrada no estado de São Paulo (citados aqui por terem sido as primeiras congregações com repercussão nacional em torno da busca de uma atividade de historiográfica na Linguística), há na Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll) o Grupo de Trabalho em Historiografia da Linguística Brasileira, com pesquisadores de todo o Brasil, além de estudantes de pós-graduação. Também podem ser apontadas organizações mais recentes, com o projeto de trabalho internacional na Asociación de Luiguística y Filología da América Latina (Alfal) e o Grupo da Associação Brasileira de Linguística (Abralin). (*Idem, ibidem, p.28*)

Essas agremiações, representam o painel atual dos Grupos de Estudos da HL, no Brasil.

1.1.2 A concepção da Historiografia Linguística

A historiografia linguística está estreitamente ligada à concepção de Historiografia. Tal estudo originou-se na França com forte ligação com a história, que é uma ciência, e que se resumia à narrativa oral dos acontecimentos. Nesse contexto, a Historiografia tinha como função essencial o registro escrito desses fatos, sem o questionamento ou problematização. (SOUZA, 2013, p.19)“O

trabalho do historiógrafo do linguístico, então, não é apenas recolher e datar uma série de acontecimentos e publicações a respeito da linguagem e das línguas, característica de um dos gêneros da escrita da história, a *crônica*". (BATISTA, *op.cit*, p.50).

Dessa forma, o objetivo de análise da Historiografia da Linguística foi agregando condições prévias para as análises; interpretação e explicação do acontecimento sobre a linguagem:

A Historiografia da Linguística também não é apenas confecção de listas bibliográficas nem de enciclopédias ou análises sobre a produção dos historiógrafos da Linguística (o que o uso recorrente do termo historiografia nos estudos da história em geral pode nos levar a crer). É, pelo contrário, a necessidade de análise, explicação e hierarquização de dados, fatos, teorias e métodos que constituem os estudos sobre a linguagem ao longo do tempo. (*Idem,ibidem,p.50*).

Assim, de acordo com Souza (2013) em HL:

A historiografia linguística busca a análise sistematizada da língua em épocas anteriores, com destaque para a escrita. A estrutura gramatical é conservada por mais tempo na escrita, enquanto o texto oral é mais suscetível a mudanças mais rápidas no tempo. (SOUZA, 2013, p.20)

Amplificando este conceito, Batista (2013) salienta:

Uma pesquisa em historiografia pode observar, privilegiadamente, transformações tanto nas tomadas de posição em relação aos argumentos construídos em torno de determinadas evidências linguísticas, quanto em relação a alterações nas comunidades científicas ou intelectuais relevantes. (BATISTA, 2013, p.73)

A pesquisa da Historiografia Linguística procura definir os parâmetros de análises. São divididos em parâmetros externos, relativos ao contexto de produção de determinada obra ou trabalho e, internos, relativos ao conteúdo que trata de descrição e explicação de fenômenos linguísticos.

Diz-nos Batista (2013):

A pesquisa deve procurar, na medida do possível, correlacionar aspectos externos relacionados às obras com seus aspectos internos,

com maior ênfase e um ou outro desses aspectos para a elucidação de determinado problema em destaque. (BATISTA, *op.cit*, p.39).

Seguidamente Iwassa (2014), sintetiza:

O objeto da Historiografia Linguística não consiste em um mero texto, um registro, um documento em si. Tais documentos testemunham o contexto de uma época, que, por vezes, não pode ser recuperado e investigado senão pela língua escrita. Nessa perspectiva, a conjuntura histórica e social é refratada na língua oficial de seus falantes e apresentam diferentes finalidades na comunidade científica. (IWASSA, 2014,p.21)

O estudioso da área de HL precisa ater-se as habilidades de um linguista, conforme detalhada por Batista (2013):

Porém, não basta ao historiógrafo ser um linguista ciente de aspectos teóricos e práticos de sua aera; é preciso também que o pesquisador conheça eventos situados na corrente histórica, ou seja, saiba história geral. Assim, como é desejável que conheça Epistemologia da Linguística e suas proposições filosóficas e analíticas de métodos adotados na pluralidade das formas de conhecimento sobre a linguagem. De posse dessas ferramentas intelectuais, o historiógrafo estaria apto a tomar decisões analíticas e interpretativas a respeito de obras que venham a investigar. (BATISTA, *op.cit*, p.48).

Logo, o trabalho do historiógrafo da linguística, então, não é apenas compilar e datar uma série de acontecimentos e publicações a respeito da linguagem e das línguas. (BATISTA, 2013)

Para direcionar a busca do pesquisador da área (HL), com um olhar focado na análise da interpretação da História da Linguística, o autor descreve:

- Pode ser feito um registro de momentos-chave, com o objetivo de destacar um elenco de obras, datas, autores pioneiros e “heróis” de um campo do saber, visto, então, de forma linear e cumulativa. A rigor, uma historiografia que desconsidera correntes marginais em relação a correntes tidas como privilegiadas por várias questões. Há nessa concepção a imagem de linearidade, que pressupõe uma corrente sucessiva a outra, sem a consideração de simultaneidade de propostas de descrição e análise;
- Ou se pode empreender um projeto atento não só aos aspectos apresentados no item anterior, mas também, e principalmente, preocupado em problematizar esses aspectos tendo e vista pontos metodológicos específicos, identificados com o auxílio de uma Epistemologia e uma Metodologia da Linguística, procurando

ultrapassar um registro que poderia ser considerado simplificador, por não oferecer problemas ou reflexões a respeito dos eventos selecionados. Essa reflexão, necessariamente, leva em conta uma série de fatores extralinguísticos. Esses fatores- relacionados aos contextos social, histórico e intelectual de produção do conhecimento – não são isolados e por contextualizar é que são importantes na avaliação de etapas do desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem, vista como processos de continuidades e descontinuidades, em que as teorias, ideias e propostas ocorrem de forma paralela e não unidimensional. (*Idem, ibidem, p.52*).

A análise do material de pesquisa deve seguir os três princípios indicados, a partir das concepções desenvolvidas por Konrad Koerner (1996), no seguinte tópico.

1.2 Princípios e procedimentos da Historiografia da Linguística

Aplicaremos os procedimentos e princípios defendido por Konrad Koerner(1996), para analisarmos *As Cartas Mattogrossenses* (1920).

Na pesquisa da HL procura definir dois parâmetros; externos (concentra-se ao contexto de produção de determinada obra ou trabalho) e internos (concentra-se ao conteúdo do que trata a descrição e explicação de fenômenos linguísticos) para a análise do *corpus*, ainda que com isso não se entenda como uma divisão rigorosa entre tais parâmetros, pois o objetivo da análise é a observação conjunta da constante relação entre fatores externos e internos. (*Idem, ibidem, p.74*).

Antes de comentarmos sobre os princípios defendidos por Koerner(1996), falaremos sobre os parâmetros de análise , que são divididos em parâmetro externo (contextualização da obra) e interno (análise linguística da obra).

Ou, ainda de acordo com o estudioso da HL:

Ou seja, o que se procura são momentos em que se pode evidenciar o cruzamento desses parâmetros ,quando, por exemplo, pode-se detectar em que momento algum fato externo motivou características internas das obras e dos trabalhos analisados. (*Idem, ibidem, p.75*).

Logo, a pesquisa deve procurar correlacionar os aspectos externos e internos para a elucidação de determinada influência no corpus.

A análise historiográfica do material deve seguir os três princípios desenvolvidos por Konrad Koerner (1995). Os princípios são contextualização,

imanência e adequação. “Os princípios metodológicos propostos por Koerner são estabelecidos para organizar e providenciar fidelidade ao estudo por meio dos documentos, tornando o fazer historiográfico mais amplo e robusto.”(GOMES, 2015, p.17)

a) Princípio da Contextualização:

Princípio responsável pela reconstituição do clima de opinião, relativo ao contexto social e histórico, a atmosfera intelectual de determinado período em que certas propostas foram trazidas à discussão que possibilitou o desenvolvimento, a divulgação e a recepção de um pensamento ou de uma teoria linguística e ainda pospostas de descrição e análise. (BATISTA, 2013).

Em seguida, Almeida (2015) da língua portuguesa afirma:

O princípio da contextualização estabelece o “clima de opinião” geral do momento histórico do desenvolvimento da produção de teorias ou sua aplicação. Há, no caso, inter-relação das ideias linguísticas, no âmbito externo da língua, com as demais denominações intelectuais do período histórico.(ALEMIDA,2015,p.28)

Logo, a contextualização é o primeiro princípio em que pesquisador da área da Historiografia da Linguística, iniciará a sua análise.

b) Princípio da Imanência:

Segundo princípio que procura compreender o material em análise de acordo com a sua natureza, configuração social e aspecto linguístico em um determinado período.

É a etapa, em que se observa a obra em um olhar linguístico, faz-se um aprofundamento teórico. “Em outras palavras, o que se pretende é compreender o objeto de análise em sua própria natureza e configuração social e temporal, isto é, analisar o pensamento linguístico tal como ele se define.” (*Idem,ibidem, p.75*).

Ou, ainda pesquisadora da área argumenta:

Esse princípio consiste na busca da língua e documentos históricos, a busca da análise da língua em si mesma. Por meio desse princípio,

analisa-se o quadro linguístico da época, verificando a terminologia adotada, para assim compreender a língua e a sua estrutura. (CARVALHO DE JESUS, 2013,p9).

Princípio em que se enfoca a análise interna da estrutura linguística de uma determinada época.

c) Princípio da adequação:

Por fim, após a análise dos primeiros princípios (contextualização e imanência), o pesquisador encontra-se em condições de realizar análises, aproximações, avaliações críticas que desenvolverão a construção da narrativa histórica.

Segundo, o pesquisador da Língua Portuguesa:

E por fim, o princípio de adequação se trata de uma análise particular da língua, observando os dois primeiros princípios, numa tentativa de comparar os momentos históricos que evidenciam a evolução de uma determinada língua. “[...] o historiógrafo encontra-se em condições de realizar análises, aproximações, avaliações críticas que iniciam a construção da narrativa historiográfica [...]” (BATISTA, *op.cit*, p. 77).

Os princípios metodológicos apresentados são estabelecidos para orientar a pesquisa, por meio das análises de ocorrências da língua portuguesa analisadas, sistematizando a pesquisa do historiógrafo.

Seguidamente Almeida, explana:

O *princípio da adequação*, também em uma perspectiva interna da língua, busca a aproximação teórica entre o passado e o presente, ou melhor, explicita os elementos conceituais que permanecem entre o passado e o presente e os elementos novos que surgem. Assim, poderemos perceber as nuances dos modelos teóricos da continuidade e da descontinuidade. A continuidade, como o próprio termo infere, compreende o que permanece entre o passado e o presente; e a descontinuidade, ao contrário, refere-se ao que difere, a partir de elementos novos que surgem entre o passado e o presente. Todavia, é por meio do confronto do modelo teórico descritivo e explicativo entre o passado e o presente que percebemos as mudanças ocorridas linguisticamente. São elas que marcam historicamente os fatos linguísticos. (ALMEIDA, 2015, p.29)

O princípio da adequação, também em uma perspectiva interna da língua, busca a aproximação teórica entre passado e o presente, ou melhor, explicita os

elementos conceituais que permanecem entre o passado e os elementos novos que seguem. Assim, poderemos perceber as nuances dos modelos teóricos da continuidade o que permanece.

Segundo a estudiosa da língua portuguesa, Souza (2013):

Vale ressaltar que a historiografia linguística surgiu em um momento de ruptura da ciência, o que permitiu a abertura de novas possibilidades de estudos a partir de documentos escritos, as práticas linguísticas do cotidiano. Koerner (1996) atribuiu à historiografia linguística um quadro de pesquisa que permite ao fazer historiográfico um trabalho que inclui dimensões internas e externas à língua. (SOUZA, 2013, p. 21)

Ou ainda Iwassa (2014) sintetiza:

Tais princípios metodológicos são constituídos não para fragmentar o trabalho do historiógrafo, mas para sistematizar e fornecer fidelidade ao estudo através dos documentos escritos, tornando o fazer historiográfico mais amplo a partir da visão do homem. As fontes documentais representam a passagem de uma época para outra, de um sistema linguístico para outro e de uma corrente teórica para outra. Essas mudanças só podem ser visíveis a partir do trabalho do historiógrafo da língua, levando em consideração a perspectiva metodológica, que, de certa forma, contribui para um estudo mais completo diante da complexidade de se estudar a história de uma língua. (IWASSA, 2014,p.28)

Após conceituar os princípios de Koerner (1995), comentamos sobre as etapas da elaboração da narrativa historiográfica, no próximo segmento.

1.2.1 Etapas da elaboração da narrativa historiográfica

A escolha de fonte deverá seguir diretrizes que determinam, de forma mais prática, a construção de etapas metodológicas da pesquisa, como a sua ordenação (com as tentativas de periodização) e reconstrução interpretativa.

Batista ressalta que:

A seleção das fontes determina os objetos de análise de fato - as fontes primárias - e outras fontes podem auxiliar na reconstrução do

clima de opinião, tendo em vista compreender reflexões linguísticas presentes nas obras em análise, para a relação com os outros saberes que devem ser articulados para a escrita da narrativa historiográfica, preocupada sobre tudo com a compreensão da solução de problemas ao longo da história dos estudos sobre a linguagem (*Idem, ibidem*, p. 78).

Vale ressaltar que a seleção e a organização do corpus facilitam a compreensão do mesmo e a etapa de análise:

A seleção de fontes deve despertar o historiógrafo para as seguintes reflexões:

- a) O papel dos materiais tradicionalmente reconhecidos por uma história oficial;
- b) O perigo da seleção de fontes que possam realçar a figura do “herói”;
- c) A procura por fontes consideradas marginais, em busca de uma reconstrução mais fidedigna possível dos eventos da História. Lembrando-se de que o que ficou sem destaque na história reconhecida como oficial, pode ser relevante, pois o que se calou, uma não história, pode colocar-se também como ponto de observação. (*Idem, ibidem*, p.78).

Para findar as etapas de elaboração da narrativa historiográfica, Batista acentua:

A etapa posterior caracteriza-se pela definição dos parâmetros de análise, já apontados. E, por fim, há a seleção de algumas categorias de análise, que constituem já a observação dos itens que delineiam o tipo de historiografia que se deseja escrever. São categorias possíveis de observação:

- Os programas de investigação ;
- As tradições de pesquisa;
- Os paradigmas e as revoluções científicas, com as retóricas revolucionárias;
- Os grupos de especialidades;
- O argumento da influência;
- A questão da recepção. (*Idem, ibidem*, p.79).

Segundo os itens elencados anteriormente, Batista (2013) ressalta:

Ou seja, os programas de investigação definem-se como uma associação de diferentes escolas, teorias, autores, (cada um com suas especificidades operacionais e terminológicas), que pode ser caracterizada tendo em vista a adoção de perspectivas teóricas sobre a linguagem, a escolha dos componentes linguísticos privilegiados ou excluídos nas tarefas descritivo- analíticas e a técnica que sustenta um quadro de procedimento metodológicos. (*Idem, ibidem*, p.80).

Em o argumento da influência, dentre as classes da HL., está também a que propõe uma análise de vários tipos de diálogos estabelecidos no processo histórico, tendo em vista particularidades da própria natureza social e cultural de cada época, promovendo transformações em pontos a partir dos quais se podem detectar as tendências, mais diretas ou mais indiretas.(BATISTA, 2013).

Para Batista (2013):

Um **paradigma** é definido pelos métodos e procedimentos adotados no interior de determinada teoria, escola, e também pela retórica (forma de discurso) assumida pelos participantes de um grupo que se reconhece como uma comunidade de pesquisa. A **revolução** se instala quando um novo paradigma, com novos posicionamentos teóricos, metodológicos e novas atitudes, questiona um paradigma anterior, desacreditando-o diante das novas e revolucionárias ideias. (*Idem, ibidem*, p.82).

Deste modo, Batista ressalta a relação entre paradigma e revolução dentro da perspectiva de investigação linguística. A partir desse momento, comenta-se sobre os grupos de especialidade:

A Sociologia da Ciência que pode interessar à visão de historiografia que adotamos neste livro relaciona-se com a tradição da sociologia do conhecimento e se define pela inclusão do conteúdo interno da ciência na análise sociológica, não havendo separação entre aspectos sociais e conteúdo científico das teorias, já que se pretende uma análise das práticas científicas e intelectuais, dos procedimentos efetivamente empregados por determinados grupos de pesquisadores. A essa visão, juntam-se aspectos de ordem externa, complementares das práticas de descrição e análise. (*Idem, ibidem*, p.86).

Ou ainda em tradições de pesquisa, o autor afirma:

Essas tradições se caracterizam por um conjunto conceitual teórico, que define a ontologia da tradição. Também se define como importante nas tradições uma heurística, conjunto de regras que dá formas às teorias e torna particular a ontologia. As tradições de pesquisa estabelecem diretrizes para mudanças nas teorias sempre em busca do aperfeiçoamento na solução de problemas. (*Idem, ibidem*, p.84).

Em a questão da recepção, o estudioso sobreleva:

Ciência (ou produção de conhecimento) passa a ser um fluxo contínuo de desenvolvimento de saberes, envolvendo práticas de análise a partir da produção de conhecimento derivados da aplicação de teorias e métodos. Essa aplicação de resultados não pode ser vista de forma

ingênua, o que leva imediatamente a uma classificação negativa da recepção. A recepção e a aplicação de propostas teórico-metodológicas vindas de centros reconhecidos como produtores de saber podem ser vistas de forma produtiva, uma vez que se dão em contextos histórico- sociais específicos, o que demanda adaptações e alterações de teorias e ideias recebidas. Nessa concepção, não há espaço para a compreensão de uma aplicação acrítica de resultados. (*Idem, ibidem , p.96*).

Depois de explanar sobre as categorias possíveis de investigação, Batista (2013) expõe um questionário para nortear a pesquisa do historiógrafo que tenha escolhido, hipoteticamente trabalhar com uma gramática produzida no século XVI. Vejamos a seguir, as possíveis etapas metodológicas:

- Qual foi a prática linguística que sustentou o trabalho que investigo? Que teoria orientou o trabalho? Que tradição? Na época, que significado tinha o trabalho? Para quem se dirigia? Foi escrito com que propósitos?
- Como o autor que investigo empreendeu práticas de descrição e classificação linguísticas? Baseado em quê? Trouxe soluções novas, como as empregou? Manteve a tradição anterior? Em que bases? Que métodos foram empregados no tratamento das questões propostas?
- Em que medida elementos extralinguísticos foram decisivos, ou influentes, na escolha de práticas de descrição e análise adotadas? (*Idem, ibidem , p.98*).

Desta maneira Batista (2013), explica as etapas metodológicas em uma abordagem historiográfica, assessorando o pesquisador em sua análise e desenvolvimento do trabalho.

A seguir, para o desenvolvimento desse trabalho, faremos uma breve contextualização da história de Mato Grosso do Sul, seguindo o princípio da contextualização.

1.3 A História de Mato Grosso do Sul

Abordar a história de Mato Grosso do Sul, implica focar não somente nas extensões territoriais, nas quais há inúmeras fronteiras, mas impõe também compreender o papel do Estado vizinho, localizado na região norte, Mato Grosso, que abrigou desde a colônia, as terras e os povos, atualmente divididos em duas unidades federativas distintas. A separação norte – sul ocorreu em 1977, com a contribuição econômica e política da época. (SOUZA, 2013).

Conforme Pacevitch(2015) historiador:

O estado constituía a parte meridional do estado do Mato Grosso, do qual foi desmembrado por lei complementar de 11 de outubro de 1977 e instalado em 1 de janeiro de 1979, porém a história e a colonização da região, onde hoje está a unidade federativa, é bastante antiga remontando ao período colonial antes do Tratado de Madri, em 1750, quando passou a integrar a coroa portuguesa. Durante o século XVII, foram instaladas duas reduções jesuíticas, Santo Inácio de Caaguaçu e Santa Maria da Fe do Taré, entre os índios Guarani na região, então conhecida como Itatim. Uma parte do antigo estado estava localizado dentro da Amazônia legal, cuja área, que antes ia até o paralelo 16, estendeu-se mais para o sul, a fim de beneficiar com seus incentivos fiscais a nova unidade da federação. Historicamente vinculado à região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul teve na pecuária, na extração vegetal e mineral e na agricultura, as bases de um acelerado desenvolvimento iniciado no século XIX. (PACEVITCH,2015,p.web)

Com o início da atividade aurífera, no século XVIII, nascia o arraial de Forquilha que se transformaria na cidade de Cuiabá. O autor pioneiro Pascoal Moreira Cabral, que migrou para essa região veio com o intuito de aprisionar os indígenas, porém descobriu a abundância da região em relação, ao ouro, dando assim origem à corrida pelo tesouro. Os bandeirantes utilizavam com bastante frequência as rotas fluviais que se originavam do rio Paraguai.

Dada a largada para a exploração do ouro, surgiram novas expedições que abriram caminho para a região sul do estado, criando povoados e fortalecendo a presença militar como: a fazenda Camapuã (1719); Forte Coimbra (1775);o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque (Atual município de Ladário em 1778) e o presídio de Miranda (1797). Esses locais tinham a função de facilitar a rota do caminho pela busca do ouro e manter a fronteira segura, contra os seus vizinhos colonizados por espanhóis.

Uma guerra que mudou bastante o cenário da região sul foi a do Paraguai, liderado pelo general Francisco Solano Lopez. A batalha teve início em 1865 e terminou em 1869, afetando bastante as cidades de Nioaque, Miranda e Corumbá. As reconstruções desses municípios ocorreram apenas em 1870, região considerada essencial pelo desenvolvimento local, com a fixação do porto em Corumbá.

O movimento separatista iniciou-se em 1892, findando-se em 1977. Inicialmente, vinculado ao Estado de Mato Grosso, em que a economia baseava-se em mineração, o sul, então Estado de Mato Grosso do Sul, teve um rápido

desenvolvimento no século XIX, por meio da extração vegetal e da agricultura, destacando-se do norte que vivia uma decadência neste setor.

A disparidade econômica entre o Norte e o Sul, inspirou os movimentos separatistas:

- 1892- origem do movimento separatista liderado pelo coronel João da Silva Barbosa;
- 1932- criou-se o “Estado de Maracaju”, que teve como seu primeiro governador Vespasiano Martins, juntamente propugnando pela autonomia do sul a Liga Sul- Mato- Grossense ;
- 1977 – o então presidente do Brasil, Ernesto Geisel, assinou a lei que finalmente desmembrava do território do Mato Grosso um novo estado, Mato Grosso do Sul.

No dia 11 de outubro de 1977, através da lei complementar nº 31, o então presidente da república General Ernesto Geisel, desmembrou do estado do Mato Grosso a região sul que, em primeiro de janeiro de 1979, foi transformado definitivamente no estado do Mato Grosso do Sul. Entre 1979 e 1982, o novo estado foi governado por um interventor nomeado pelo presidente da república. Depois disto ocorreram as primeiras eleições para governador. (PACEVITCH,2015,p.web)

O mapa, a seguir, demonstra o Estado de Mato Grosso antes da divisão da região norte com a região sul.

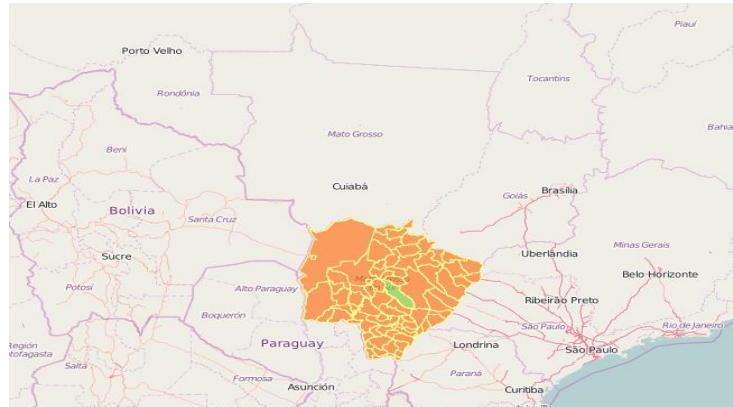
Figura 1: O mapa do Estado de Mato Grosso do Sul antes da divisão



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

O segundo mapa, traz-nos a dimensão geográfica, após a divisão. Criando-se, assim, o estado de Mato Grosso do Sul.

Figura 2: O mapa atual de Mato Grosso do Sul



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

O último censo demográfico apresenta o seguinte quadro da região: capital, população estimada (2015), população (2010), área, densidade demográfica, rendimento nominal mensal e domiciliar, per capita da população residente (2014/reias) e número de municípios.

Tabela 1: Mato Grosso do Sul

Capital	Campo Grande
População estimada 2015	2.651.235
População 2010	2.449.024
Área (km ²)	357.145,534
Densidade demográfica (hab/km ²)	6,86
Rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população residente 2014 (Reais)(1)	1.053
Número de Municípios	79

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Tabela 2: Mato Grosso

Capital	Cuiabá
População estimada 2015	3.265.486
População 2010	3.035.122
Área (km ²)	903.378,292
Densidade demográfica (hab/km ²)	3,36
Rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população residente 2014 (Reais)(1)	1.032
Número de Municípios	141

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

1.4 O contexto das “*Cartas Mattogrossenses*” (1920)³

O documento histórico *Cartas Mattogrossenses* (1920) constitui o corpus da pesquisa sobre a ocorrência da concordância nominal, sob o aspecto sintático.

Ao percorrermos sobre a história da Historiografia Linguística, princípios de análise e fases da Língua Portuguesa: a evolução morfológica e sintática e a história de Mato Grosso do Sul, para assim analisarmos as *Cartas Mattogrossenses*, no âmbito da sintaxe – concordância nominal.

As *Cartas Mattogrossenses*, datadas em 1919, foram publicadas no ano de 1920 pelo jornal O Paiz. São doze cartas publicadas pelo jornal que possuía o intuito de informar aos leitores sobre a cultura, economia e o aspecto da natureza do Estado de Mato Grosso do Sul.

Segundo o autor:

O Paiz foi um jornal diário de grande circulação lançado em 1º de outubro de 1884, no Rio de Janeiro (RJ), por João José dos Reis Júnior, o conde de São Salvador de Matozinhos. Conservador e de grande expressão, considerado o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos maiores formadores de opinião na política e na sociedade brasileiras entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Durou até 18 de novembro de 1934, quando foi fechado

pela Revolução de 1930. A trajetória de O Paiz começou nos últimos anos da Monarquia no Brasil. Na ocasião, com o seu primeiro redator-chefe Rui Barbosa, o jornal se destacava por sua participação nas campanhas abolicionista e republicana, envolvendo-se em algumas polêmicas contra a Gazeta de Notícias – segundo Nelson Werneck Sodré em “História da imprensa no Brasil”, este jornal e O Paiz eram os dois grandes periódicos da corte no fim do Segundo Reinado. Rui Barbosa, no entanto, não ficou por muito tempo na chefia da redação de O Paiz, sendo logo substituído por Quintino Bocaiúva.(BRASIL,2015,p. web)

O jornal citado acima, traz um recorte importante sobre a história do Brasil entre o final do século XIX e início do século XX,conforme exemplificado pelo pesquisador Brasil (2015).

As cartas foram produzidas por Silva³ (1920), americano e cientista habilidoso com profundo conhecimento em descrever locais que chamavam a atenção dos leitores,que passavam a admirar os costumes americanos . “O ilustre americanista, habituado aos modernos methods scientificos, baseia os seus escriptos na mais rigorosa observação.” (SILVA,1920, p.3)

Conforme o historiador que comenta sobre a divisão do Estado de Mato Grosso:

“O presidente Geisel, em seu discurso por ocasião da assinatura da lei complementar, afirmou:” Foi preocupação do meu governo abri o caminho no sentido de uma melhor divisão territorial do país. Considero isso uma necessidade. Necessidade decorrente, em primeiro lugar, da disposição geográfica, decorrente também do desenvolvimento do país e, sobretudo da ocupação, da utilização de novas áreas que até agora jazem apenas em estado potencial. Mas decorrente igualmente de uma necessidade de ordem política, tendo em vista um melhor equilíbrio da federação nos dias de amanhã.”(CAMPESTRINI, 1991,p.web)

A iniciação para o desenvolvimento da região Centro- Oeste trouxe avanço nas seguintes áreas: econômica, política e cultural.

A sexta carta, com o título de “À VIDA PASTORIL E AGRARIA DO ESTADO”, escrita no dia 8 de dezembro de 1919 e publicada em 11 de janeiro em 1920,

³ SILVA,S.*Cartas Mattogrossenses*.Disponível em: <https://bndigital.bn.br/artigos/o-paiz/> ; acesso em 04/05/2015.

retratava a relação pastoril e agrícola da população local, seu desenvolvimento, produtos e, principalmente, a contribuição dos imigrantes para a produção da economia regional. Podemos destacar a influência dos nipônicos que, com a construção da Estrada de Ferro Noroeste, instalaram-se em Campo Grande, possuindo grande relevância econômica e cultural para o Estado.

Mato Grosso do Sul, considerada uma das maiores colônias japonesa do Brasil, despertou-nos enorme interesse, por razão histórica e cultural, a pesquisar a trajetória dos japoneses, por meio da Historiografia. A imigração japonesa iniciou-se com o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, entre Brasil e Japão, no ano de 1895; porém, somente no governo do presidente Affonso Penna que se concretizou a vinda dos nipônicos para o País.

Com o início do movimento migratório japonês, após a restauração da era Meiji (1868), em que a modernização trouxe melhores condições de saúde, aumentando o crescimento populacional, que impulsionou os fluxos migratórios no país, posteriormente acarretando a altas taxas de imigração para outros países, como Havaí, Estados Unidos, Peru e, por fim, Brasil.

Diz-nos, os pesquisadores:

Uma peculiaridade significativa da comunidade japonesa em Campo Grande atual consiste no fato 70% dela provêm de ancestrais oriundos da província de Okinawa. Tal circunstância não pode ser desconsiderada quando falamos da colônia local, uma vez que as características singulares da insular Okinawa são um motivo imediato da migração. Okinawa é uma ilha comprida com 8 quilômetros de largura e 120 quilômetros de comprimento, com essa área cultivável e pobre em recursos naturais, que desde a antiguidade dependia economicamente do comércio exterior. A dinastia Ryukyu, que marca sua história recente, admitia o arroz como tributo, e a base da alimentação era composta de trigo e painço (milho miúdo). Com isso não era o suficiente, havia instruções do Reinado explicando a forma de comer sotetsu (sagueiro). (YAMAUCHI; FUKUCHI, 2008, p.33)

Os pioneiros chegaram com o navio Kasato-Maru em 18 de junho de 1908, no porto de Santos, Estado de São Paulo. Com a parceria estabelecida com o governo de São Paulo e as companhias de imigração japonesa, os imigrantes dirigiram-se para as lavouras cafeeiras, porém com a parceria desfeita entre o governo do Estado de São Paulo e as companhias de imigração foi cancelado o acordo, e as péssimas

condições de trabalhos impostos pelos fazendeiros dificultaram a fixação dos orientais nas fazendas que se transferiam para outras áreas de trabalho.

Em relação aos imigrantes que vieram a bordo do navio Kasato-maru, os autores afirmam:

Dos 781 imigrantes que vieram para o Brasil a bordo do navio Kasato-maru iniciando a imigração japonesa no país, 21 fixaram-se em Campo Grande, de acordo com a lista abaixo que se baseia em documentação do Cinquentenário da Imigração. Todos eles são originários da Província de Okinawa e a idade mencionada é aquela da época em que chegaram ao Brasil. Esta lista exclui os moradores que estiveram apenas temporariamente na cidade. (YAMAUCHI;FUKUCHI,2008,p.193)

Vejamos a seguir, a lista supramencionada:

- Muta Tamazato, 37 anos.Veio para o país como esposa de Kamato Arakaki.Estava sadia no Cinquentenário da Imigração, quando foi homenageada.
- Nabe Aarakaki, 22 anos.Nome de solteira: Kama Shimabukuro.Homenageada no Cinquentenário, foi condecorada com a Ordem do Sagrado Tesouro em Raios Prateados no 60º aniversário da Imigração.
- Bisauro Arakaki, 25 anos.Agricultor na colônia Bandeira.
- Jiro Ikehara, 18 anos. Estava sadio no Cinquentenário da Imigração, quando foi homenageado.
- Kamata Guibo, 13 anos. Conhecido como “Ippachi”, era um jogador genial que abriu um cassino na Rua Dom Aquino. Faleceu em 1935. Estava sadio no Cinquentenário da Imigração, quando foi homenageado.
- Koki Oshiro, 19 anos. Estava sadio no Cinquentenário da Imigração, quando foi homenageado.
- Kame Oshiro, 17 anos. Esposa de Koki Oshiro, estava sadia no 60º aniversário da Imigração, quando foi condecorada com a Ordem do Sagrado Tesouro em Raios Prateados.⁴
- Kamado Oshiro, 27 anos. Ingressou na Colônia Chacrinha e participou da construção da escola de língua japonesa.
- Uto Oshiro, 23 anos. Esposa de Kamdo Oshiro ajudava as famílias como parteira.
- Kame Hokama, 20 anos.Condecorado no 60º aniversário da Imigração com a Ordem do Sagrado Tesouro em Raios Prateados.

⁴ A condecoração é oferecida para os oficiais, como militares e funcionários públicos, que se dedicaram ao cargo durante determinado tempo. É dividido em 8 categorias: do grande cordão, da estrela de ouro e prata, de raios de ouro com laço, de raios de ouro com roseta, de raios de ouro e prata, de raios de prata, da medalha de ouro e da medalha de prata.

- Mito Hokama, 19 anos. Esposa de Kame Hokama, falecem em 1947.
- Sengoro Nakahodo, 18 anos. Condecorado no 60º aniversário da Imigração com a Ordem do Sagrado Tesouro em Raios Prateados.
- Ushi Miyaguu, 19 anos. Estava sadio no Cinquentenário da Imigração, quando foi homenageado.
- Kiichi Kakazu, 34 anos, pesquisa inconclusiva.
- Kame Kakazu, 22 anos, pesquisa inconclusiva.
- Kenki Teruya, 18 anos, pesquisa inconclusiva.
- Kama Teruya, 16 anos, pesquisa inconclusiva.
- Reihei Toamashiro, 25 anos, pesquisa inconclusiva.
- Kama Ota, 24 anos, pesquisa inconclusiva. (YAMAUCHI; FUKUCHI, 2008, p.193)

Na tentativa pela busca de melhoria salarial, os nipônicos dirigiram-se a Campo Grande, em 1909, para a construção da ferrovia Noroeste, uma vez que a remuneração era muito mais compensadora que o trabalho nas fazendas. Assim, 75 imigrantes fixaram-se na Cidade Morena. Houve também a imigração dos japoneses oriundos da ilha Okinawa que inicialmente foram do Japão para o Peru. Desde 1914, com a fixação dos japoneses na cidade, começaram a criação de espaço para os encontros e confraternizações dos imigrantes.

Tabela 3: População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010

Região	Capital	1872 ¹	1890 ¹	1900 ¹	1920 ¹	1940 ¹	1950 ¹	1960 ²	1970 ²	1980 ²	1991 ³	2000 ³	2010 ³
N	Porto Velho	27.244	51.049	88.856	138.289	286.471	334.585	428.527
N	Rio Branco	19.930	16.038	28.246	47.882	84.845	119.815	196.871	252.885	336.038
N	Manaus	29.334	38.720	50.300	75.704	106.399	139.620	175.343	314.197	642.492	1.010.544	1.403.796	1.802.014
N	Boa Vista	17.247	26.168	37.062	69.627	142.902	200.383	284.313
N	Belém	61.997	50.064	96.560	236.402	206.331	254.949	402.170	642.514	949.545	1.244.688	1.279.861	1.393.399
N	Macapá	20.594	46.905	87.755	140.624	179.252	282.745	398.204
N	Palmas	3.288	24.261	137.045	228.332
NE	São Luís	31.604	29.308	36.798	52.929	85.583	119.785	159.628	270.651	460.320	695.199	868.047	1.014.837
NE	Teresina	21.692	31.523	45.316	57.500	67.641	90.723	144.799	230.168	388.922	598.411	714.583	814.230
NE	Fortaleza	42.458	40.902	48.369	78.536	180.185	270.169	514.818	872.702	1.338.793	1.765.794	2.138.234	2.452.185
NE	Natal	20.392	13.725	16.056	30.696	54.836	103.215	162.537	270.127	428.721	606.681	709.536	803.739
NE	João	24.714	18.645	28.793	52.990	94.333	119.326	155.117	228.418	338.629	497.306	595.429	723.515

Região	Capital	1872 ¹	1890 ¹	1900 ¹	1920 ¹	1940 ¹	1950 ¹	1960 ²	1970 ²	1980 ²	1991 ³	2000 ³	2010 ³
	<u>Pessoa</u>												
NE	<u>Recife</u>	116.671	111.556	113.106	238.843	348.424	524.682	797.234	1.084.459	1.240.937	1.296.995	1.421.993	1.537.704
NE	<u>Maceió</u>	27.703	31.498	36.427	74.166	90.253	120.980	170.134	269.415	409.191	628.241	796.842	932.748
NE	<u>Aracaju</u>	9.559	16.336	21.132	37.440	59.031	78.364	115.713	186.838	299.422	401.676	461.083	571.149
NE	<u>Salvador</u>	129.109	174.412	205.813	283.422	290.443	417.235	655.735	1.027.142	1.531.242	2.072.058	2.440.828	2.675.656
SE	<u>Belo Horizonte</u>	13.472	55.563	211.377	352.724	693.328	1.255.415	1.822.221	2.017.127	2.232.747	2.375.151
SE	<u>Vitória</u>	16.157	16.887	11.850	21.866	45.212	50.922	85.242	136.391	215.073	258.243	291.941	327.801
SE	<u>Rio de Janeiro</u>	274.972	522.651	811.443	1.157.873	1.764.141	2.377.451	3.307.163	4.315.746	5.183.992	5.473.909	5.851.914	6.320.446
SE	<u>São Paulo</u>	31.385	64.934	239.820	579.033	1.326.261	2.198.096	3.825.351	5.978.977	8.587.665	9.626.894	10.405.867	11.253.503
S	<u>Curitiba</u>	12.651	24.553	49.755	78.986	140.656	180.575	361.309	624.362	1.052.147	1.313.094	1.586.848	1.751.907
S	<u>Florianópolis</u>	25.709	30.687	32.229	41.338	46.771	67.630	98.520	143.414	196.055	254.941	341.781	421.240
S	<u>Porto Alegre</u>	43.998	52.421	73.674	179.263	272.232	394.151	641.173	903.175	1.158.709	1.263.239	1.360.033	1.409.351
CO	<u>Campo Grande</u>	49.629	57.033	74.249	143.271	298.878	525.463	662.534	786.797
CO	<u>Cuiabá</u>	35.987	17.815	34.393	33.678	54.394	56.204	57.860	103.427	219.477	401.303	483.044	551.098
CO	<u>Goiânia</u>	48.166	53.389	153.505	389.784	738.117	920.840	1.090.737	1.302.001
CO	<u>Brasília</u>	141.742	546.015	1.203.333	1.598.415	2.043.169	2.570.160

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

(1) População presente. (2) População recenseada. (3) População residente

Diz-nos, os estudiosos:

Foi também nessa época que chegou a Campo Grande o primeiro morador fixo japonês do município, Kosho Yamamaki, imigrante radicado no Peru que cruzou os nevados andinos a pé para entrar no Brasil via Argentina a fim de participar da construção da Estrada de Ferro Noroeste. Segundo relatos, aproximadamente 70 dos 300 operários reunidos em Porto Esperança eram japoneses. Por outro lado, entre os operários que iniciaram a obra na extremidade oposta da ferrovia, em Três Lagoas, havia cerca de 60 nipônicos. (YAMAUCHI; FUKUCHI, 2008, p.35)

Ou ainda com o historiador, Masakatsu:

Aliás, era natural que, como pessoas originárias da mesma terra, que realizaram a mesma viagem de navio, e passaram períodos idênticos primeiro na lavoura e depois na construção da ferrovia, pudessem conversar como iguais sobre os caminhos pelos quais vieram consolar-se e incentivar-se mutuamente. (MASAKATSU, 2008, p. 37).

Complementando este pensamento, o pesquisador acentua:

Monumento à imigração japonesa, em Campo Grande. A porcentagem japoneses e descendentes no estado de Mato Grosso do Sul é relativamente alta. No dia 18 de junho de 1908, o navio *Kassato Maru* chegou ao porto de Santos, trazendo 781 imigrantes. Desses, 26 famílias viriam para o sul matogrossense, atraídos por suas terras férteis, pouco exploradas, e seu clima agradável. (PACEVITCH, 2015, p. web)

Após, a leitura sobre as marcas dos pioneiros nipônicos dentro da imigração Brasil- Japão, comentamos a influência japonesa no desenvolvimento econômico do estado de Mato Grosso do Sul, cenário da sexta *Carta Mattogrossense*, com o título de “ À vida pastoril e agrária do estado”.

Ou ainda, na perspectiva do historiador:

Essa colonização parece adaptar-se admiravelmente ao nosso paiz, da mesma fórma como se frimaram entre nós a allemã e a portugueza. Trabalhadora, higienica, alheia ás paixões politicas locaes, e, de todo , progressiva para si vive, convivendo, portanto , exclusivamente com os da sua raça, sem o menor cruzamento com os filhos do paiz, para onde emigra, assim concorrendo para manter o intacto o typo de origem e evitar o supposto perigo amarelo! Não ha uma só pessoa no Estado de Matto Grosso, que se manifeste contra ella, muito no contrario , todos que, com a mesma lidam , tecem-lhe os maiores encomios. (SILVA, 1919, p.7).

A adaptação bem sucedida dos nipônicos é observada na inserção e participação efetiva dos descendentes na cidade de Campo Grande.

A antiga região Sul do Estado de Mato Grosso apresentava-se como uma grande potência econômica do século XIX, pela sua posição geográfica que detém um porto fluvial. O destaque do comércio fez-se pela abertura da empresa Mate Laranja, do empresário Tomás Laranjeira, que obteve privilégios da província e começando a produção de erva mate. A ligação logística com os grandes centros foi facilitada pela criação da Estrada de Ferro Noroeste, cuja construção obteve a colaboração da mão de obra japonesa, iniciada simultaneamente de Bauru a Porto Esperança. A estrada foi concluída em 1914 com a junção dos últimos trilhos, próximos de Campo Grande, esse local foi denominado de Estação de Ligação. Após

o término da obra os nipônicos permaneceram ao redor da ferrovia, iniciando-se a fixação da colônia em Campo Grande.

Diz-nos, o pesquisador:

Quando os dois últimos trilhos foram parafusados pelo engenheiro-chefe, com fogos de artifícios e batizados com champanhe, a locomotiva número 14 cruzou a ponte recém-concluída. A inauguração oficial se deu às 10 horas do dia 14 de outubro, com a chegada do trem comemorativo, diante da presença de toda a população que, na época, não passava de 1.800 pessoas. (NARUTO,2008,p.26)

Complementando a ideia acima, os autores destacam:

Em maio de 1914, um operário chamado Koshi Yamaki deixava a obra para começar a plantação de hortaliças em Campo Grande numa chácara que adquirira de Joshiro Ishibashi (que não era fixado na cidade e logo mudou-se para outro Estado).Ali nessa área, que atualmente compreende o Terminal Rodoviário da cidade, Yamaki trabalhou durante um ano. Em setembro do mesmo ano, cinco pessoas-Kamado Oshiro, Toku Akamine, Kame Akamine, Guentai Hokama e Jiro Oshiro- fixaram-se em Campo Grande, também provenientes da construção a estrada de ferro. As plantações desse grupo ficavam nas proximidades do riacho atrás da estação, numa área que ainda hoje é chamada de Chacrinha. Nesse lugar, em 1918, o quinteto reuniu companheiros para construir aquela que foi a primeira escola de língua japonesa de Campo Grande. (YAMAUCHI;FUKUCHI,2008,p.35)

A participação massiva na construção e desenvolvimento local retrata a influência dos japoneses na cidade. A miscigenação oriental na cidade encontra-se principalmente no comércio de leguminosas e na culinária, atividades exercidas pelos nipônicos, após a construção da ferrovia e sua instalação na proximidade, dando origem à feira central, local em que a comunidade japonesa é massiva e colaboradora para a difusão da mistura cultural dos campo-grandenses. “Isso, sem falar no sobá que a “obasan”, mãe de sua amiga “japonesinha” continua servindo nas novas instalações da feira central.”. (SOUZA, 2007,p.10).

A culinária japonesa retrada no trecho acima, introduz a importância do sobá na cultura local, prato à base de caldo suíno com macarrão, ovo, cebolinha e carne é consumido por muitos campo-grandenses .

Yamauchi e Fukuchi (2008) descrevem o sobá:

O Okinawa Sobá é um prato à base de massa produzida com trigo e ovos, que passa por um processo de aprimoramento através de substâncias alcalinas obtidas de cinzas vegetais, e é acompanhado de um saboroso caldo de porco. Ao contrário do que seu nome dá a entender, não contém trigo – sarraceno (“soba”, em japonês)entre os seus ingredientes. (YAMAUCHI;FUKUCHI,2008,p.152)

A comercialização e o consumo do prato mencionado acontecem na Feira Central da cidade, onde há elevado número de japoneses.

Os turistas que visitarem Campo Grande provavelmente ficarão curiosos com a agitação um tanto diferente das feiras livres realizadas duas vezes por semana, que passaram a integrar o roteiro turístico da cidade, renovando-se e atraindo atrações.Montadas à noite sob luminárias que as deixam claras como o dia, as bancas vendem artigos domésticos e hortaliças trazidas diretamente dos produtores. Uma seção que tem conquistado grande popularidade é a do Okinawa Soba, que aqui vamos chamar somente de soba.As bancas lotam, principalmente no final de tarde e noite dos finais de semana quando famílias inteiras e grupos de pessoas vêm jantar. O afluxo é tamanho que parece que a feira foi aberta para as bancas de soba. (YAMAUCHI;FUKUCHI,2008,p.152)

Em relação ao público que frequenta as bancas, os autores definem:

É interessante notar, que as 27 bancas enfileiradas soa todas de nipo-brasileiros, praticamente toda a clientela é de não – nikkeis.Para saber como o soba se tornou tão popular e integrada na vida da população , fomos ouvir Yasuo Higa e Hiroshi Katsuren, dois profundos conhecedores da colônia japonesa. (YAMAUCHI;FUKUCHI,2008,p.152)

A relevância do soba na cultura local:

Segundos eles, desde a primeira metade do século passado pratos de soba já ocupavam lugar de destaque na mesa do imigrante. Em dias de tempo ruim, quando era impossível trabalhar na roça, e em festas de aniversário e outros eventos, as donas de casa sempre preparavam o soba caseiro. O caldo era preparado com galinhas à solta, aí a vizinhança era chamada e os grupos apreciavam esse sabor da terra natural. (YAMAUCHI;FUKUCHI,2008,p.153)

Após relatar a influência culinária japonesa em Campo Grande, registra-se a participação nipônica no cenário político.

A Praça Oshiro Takemori foi inaugurada em 1973, numa homenagem prestada pela Câmara Municipal para gravar o nome dessa pessoa que tanto contribuiu para o crescimento da cidade.

Na época de sua inauguração, a praça tinha apenas um marco simplório em pedra. Em 2000, porém, passou por uma grande reforma, que substituiu o pedaço de pedra por um monumento de granito. A inscrição nela colocada ressalta tanto a biografia de Oshiro quanto a importância da colônia japonesa. A posição geográfica privilegiada fez da praça também um ponto de venda dos índios Terena que ali comercializam suas peças artesanais, frutas e outros produtos das reservas indígenas, o que tornou o local numa concorrida atração turística. (YAMAUCHI, 2008, p. 150)

Falemos então de Oshiro Takemori:

Todavia, o verdadeiro valor de Oshiro reside em seu tino empreendedor comunitário. Líder nato dedicou-se não só à formação de sucessores para as atividades da colônia, como a atividades assistenciais para socorrer as vítimas da guerra em Okinawa. Foi presidente da sede regional da Kyuyo Kyokai⁵, da Cooperativa Agrícola, cumpriu vários mandatos na Okinawa Kenjinkai⁶, esteve à frente da comissão executiva do Cinquentenário da Imigração, etc. Outras de suas marcas mais indelévels é a construção do Kaikan⁷ da Associação Okinawa. (YAMAUCHI, 2008, p. 151)

Seguidamente a autora, ressalta sobre as condecorações:

Em 1970 ele foi condecorado pelo governo japonês com a Ordem do Sagrado Tesouro em Raios Dourados e Prateados. Em 1974, o então prefeito Levy Dias, a fim de homenagear a colônia nipo-brasileira por sua contribuição no desenvolvimento da cidade, batizou uma praça da cidade com o nome do líder e grande vulto da comunidade. Em 2000, outro admirador do Japão, o então prefeito André Puccinelle, reurbanizou a praça, deixando-a muito bonita e nela colocando um marco digno dos méritos de Oshiro. A atenção dos dois prefeitos para com a colônia japonesa destacam-se entre os muitos que a cidade já teve, sendo natural que expressemos nossa gratidão por isso. (YAMAUCHI, 2008, p. 151)

⁵ Associação criada por imigrantes japoneses.

⁶ Primeiro clube criado por japoneses em Campo Grande.

⁷ A palavra refere-se a clube na língua japonesa.

O panorama profissional dos Nikkeis⁸ em Campo Grande, mostra o grande número de profissionais nipo- brasileiros participando ativamente dentro da sociedade campo-grandenses.

De acordo com os autores:

Campo Grande também foi ganhando personalidade condizente com o seu status de centro político, cultural e econômico do Estado de Mato Grosso do Sul. A colônia japonesa também foi se desenvolvendo com firmeza e continua lutando para progredir ainda mais.(NAKAO; TOBARU,2008,p.199)

Assim, o levantamento realizado sobre a situação profissional dos nikkeis em Campo Grande, em 2001, descreve o seguinte panorama:

O resultado foi que havia nada menos do que 238 médicos de origem japonesa e que, nas quatro universidades da cidade, 57 lecionavam em cursos superiores. O número de advogados era menos do que o esperado, mas tal situação foi acompanhada da explicação de que só a conclusão do curso de Direito não bastava para do bacharel um advogado, devendo ainda ser aprovado no concurso da Ordem dos Advogados.Quanto ao funcionalismo público municipal, o número também foi reduzido, embora praticamente todos ocupassem funções na área de saúde, tais como médicos e dentistas, além da existência de vários profissionais em funções importantes como a de engenheiro e supervisor. .(NAKAO; TOBARU,2008,p.199)

Para Taira(2008):

Os pioneiros da imigração japonesa da região mostraram grande espírito de fraternidade e colaboração mútua, sem perder esperanças de desbravar a terra e construir a comunidade nipônica na região de Campo Grande. Foi o ponto de partida para o desenvolvimento da comunidade nipônica na região. (TAIRA, 2008, p.215)

A miscigenação perpetua no progresso local, como nas áreas da cultura, economia, política e educação. O futuro dos nikkeis em Campo Grande é tão promissor que, deixam o ninho que foi a colônia para alçar voos pelos horizontes da sociedade campo-grandense.

Vejamos a seguir, tópicos essenciais que foram elencados pela pesquisadora Yamauchi (2008):

⁸ São brasileiros com descendência nipônica.

- A imigração japonesa no Brasil foi retomada depois da Segunda Guerra Mundial em 1952.
- Em 3 de maio de 1971, zarpava do porto de Kobe o último navio imigrante, o Brasil-maru. Decorriam-se 63 anos desde o Kasato – maru. Nesse intervalo, foram cerca de 180 mil imigrantes japoneses na primeira metade do século, 65 mil na segunda.
- Entre 1956 e 1961, o número de imigrantes passava de 5 mil pessoas ao ano, sendo o mais significativo o de 1960, quando 8,300 japoneses vieram para o Brasil.
- 5,36 milhões de pessoas imigram para o Brasil, dos quais 245 mil foram japoneses. (YAMAUCHI, 2008, p. 155)

Para concluir o segmento sobre a imigração japonesa em Campo Grande, o autor, declara:

Os sonhos dos imigrantes pioneiros japoneses era fazer parte da colônia e adquirir terras na região, e para tal se esforçaram ao máximo para juntar dinheiro através do trabalho duro como arrendatários, como contratados ou como meeiros. Como não é possível lutar contra o tempo, hoje não existe mais as Colônias de antigamente que deixaram saudades. Deixaram também grandes lições, já que mesmo nas situações difíceis nunca deixaram de visar as gerações futuras, investindo na educação dos filhos. Ao criar excelentes recursos humanos, proporcionaram boas perspectivas para o futuro da colônia. (TAIRA, 2008, p.215)

Ou ainda Yamauchi (2008), acentua:

Atualmente, estima-se que a população nipo – brasileira em Campo Grande, que continua progredindo como a capital do Estado de Mato Grosso do Sul, seja de cerca de 4 mil famílias, com 20 mil pessoas. Esse desenvolvimento surpreendente é, sem dúvida, méritos dos imigrantes pioneiros e fruto do seu precioso suor. No entanto, nossa colônia não dispunha de registros das atividades desses primeiros imigrantes que pudéssemos passar para as gerações posteriores que receberão o seu legado. Deixar essa história esquecida só dificulta cada vez mais as pesquisas, provocando-nos o temor de que todo o empenho e conquistas dos ancestrais iriam acabar sepultados pelo tempo. (YAMAUCHI, 2008, p. 213)

Complementando a ideia supramencionada, a autora, prossegue:

Nossa colônia tem vários motivos para se orgulhar, incluindo o Okinawa Soba, que se tornou um prato típico de Campo Grande, e a Praça Oshiro Takemori, um presente da Câmara Municipal. Há ainda o fato de nada menos que 20 pessoas terem sido condecoradas pelo governo japonês. Assim, foi com alegria que pesquisamos acontecimentos e aqui os tornamos público. A cronologia da colônia nipo – brasileira de Campo Grande é a compilação sucinta dos

principais artigos desta publicação, visando dar ao leitor uma visão geral da nossa trajetória. Já os artigos “Panorama da Entrada de Imigrantes no Brasil”, de Takemassa Gushiken, e “Omoide” (em português Lembrança), de Shinkyu Fukuchi, são documentos de imenso valor histórico, que reproduzimos e adaptamos de material da Associação Okinawa Kenjin do Brasil. (YAMAUCHI, 2008,p. 214)

Deste modo, os nipônicos na capital seguem trilhando os caminhos, que os predecessores iniciaram, cultivando os costumes e investindo na formação acadêmica dos filhos.

A segunda carta é intitulada como “VIAGEM DO RIO A CUYABA”, escrita em 30 de novembro de 1919 e publicada em 4 de janeiro de 1920. Como o título sugere, o autor descreve a viagem realizada da capital do Rio de Janeiro, no ano de 1920, até Porto Esperança –distrito- situado na cidade de Corumbá como sendo feita por meio de transportes, fluvial e ferroviária. O itinerário é bem preciso, com orientações em relação à comida, logística e as curiosidades da região pantaneira.

Conforme o historiador, diz-nos:

Uma palhoça, feita com a maior singeleza, de páos a pique e folhas de coqueiro, á beira do barraco, sem prestar a minima atenção ao risco das enchentes; uma ou duas redes armadas dos mourões da habitação para os galhos da arvores, que a protegem do rigor do sol; varios cães uns de caça, outros de vigia; alguns metros quadrados com plantações de milho e de mandioca, formando sua exclusiva área agricola e, ás vezes, uma moenda rustico ou um grande pilão de madeira, constituem, por assim dizer, o sitio de uma família, geralmente composta de 8 a 12 pessoas. (SILVA, 1920,p.4)

A simplicidade e o grande contato com a natureza fazem os turistas se encantarem com o Pantanal.

E por fim, comentaremos a “IMPREVIDENCIA NACIONAL”, uma pequena nota que foi publicada na seção “O valor da opinião publica”, em 29 de janeiro de 1920, informando e agradecendo às produções das Cartas Mattogrossenses do Dr. Simoens da Silva, sobre o Estado de Mato Grosso do Sul, além da saudação em relação às cartas, com o objetivo de comunicar os leitores sobre as novas aventuras descritivas referentes ao Estado de Goiás, que serão realizadas pelo filho,

pesquisador e intelectual, major Henrique Silva, a série se chamará *A informação Goyana* .

Portanto, as observações das *Cartas Mattogrossenses*, feitas por Simoens da Silva, ressaltam a importância da preservação ambiental da beleza do Estado de Mato Grosso. “*Vamos completar o primeiro século de independência. E todos os nossos governos, o federal como os estados, precisam aprender a olhar com um pouco de inteligência e de carinho por este tão grande e ainda tão desamparado país.*”(SILVA, 1920,p.3).

Com a leitura das obras acima citadas, nota-se um panorama detalhado sobre o desenvolvimento da cultura e economia do Estado.

No próximo capítulo, comentamos sobre as obras dos gramáticos; Eduardo Carlos Pereira (1926) e Carlos Henrique da Rocha Lima (2014). Para aplicamos os princípios da Imanência, defendida por Koerner(1995).

2. A CONCORDÂNCIA NOMINAL NAS PERSPECTIVAS DE EDUARDO CARLOS PEREIRA (1926) E CARLOS HENRIQUE DA ROCHA LIMA (2014)

Neste capítulo, faremos a análise da concordância nominal nas perspectivas dos seguintes autores: Eduardo Carlos Pereira com a *Gramática Expositiva- Curso Superior* e Carlos Henrique da Rocha Lima com a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, focando-se no âmbito da imanência. Conforme, os princípios de Koerner(1995), a fim de favorecer a aproximação e o distanciamento da língua o interna da língua , tendo em vista as regras utilizadas na concordância nominal em suas épocas.

2.1 Concordância Nominal ⁹em Eduardo Carlos Pereira (1926)

A obra de Eduardo Carlos Pereira é publicada primeiramente em 1907 com o título: *Gramática Expositiva- Curso Elementar* destina aos estudantes do curso secundário, com uma linguagem mais elementar. A segunda versão, *Gramática Expositiva – Curso superior* foi lançada era designada aos estudantes do segundo clico secundário buscando uma linguagem mais elaborada e explicações mais profundas. (CARVALHO DE JESUS, 2013)

Seguidamente a pesquisadora, afirma:

O objetivo de Pereira era de perseguir as boas normas de falar e escrever bem por meio dos professores, para alcançar os alunos. Para ele era muito importante impor a norma culta escrita, principalmente através de textos clássicos. Sendo a língua um instrumento de soberania, ele usa dos desígnios da república para preparar uma obra que vai ao encontro dos ideais daquele momento, seguindo os programas oficiais de português. A língua, por meio da norma culta, nesse sentido, é um instrumento que alcança apenas os homens cultos, consolidando os ideais republicanos, principalmente quando a escola não era aberta a todos, mas a alguns poucos privilegiados que poderiam exercer seu poder na sociedade posteriormente. (CARVALHO DE JESUS,2013,p.71)

⁹ A pesquisa voltada para a análise da concordância nominal foi , preferencialmente, escolhida por ter um caráter diferenciado da estrutura gramatical da língua japonesa que, por certo, não há concordância de gêneros, a língua na qual fui primeiramente alfabetizada.

A reformulação da obra está correlacionada à promoção das ideologias políticas de Pereira.

De acordo com a Gramática Expositiva -Curso Superior de Eduardo Carlos Pereira (1926), a síntese da concordância nominal é definida “Concordância é o processo sintático pelo qual algumas palavras mudam de flexão para se porem de acôrdo com *gênero, número e pessoas* de outras, a que se referem.” (PEREIRA,1926,p.236)

2.1.2 Concordância Nominal do adjetivo com o substantivo

Em seguida, o autor apresenta a concordância nominal do adjetivo com o substantivo. Vejamos a seguir:

Regra geral:

O adjetivo quer seja *atributo* quer *predicado*, concorda com o substantivo a que se refere em GÊNERO e NÚMERO. (pág.246)

Exemplos:

O homem bom, o homem é bom; os homens bons, os homens são bons; a boa mulher, as boas mulheres; os meninos andam bons, as meninas tornaram-se bem educadas.

Sobre as regras especiais, o autor demonstra a concordância nominal do adjetivo e substantivo em:

Regras especiais:

a) Mais de um substantivo no singular leva o adjetivo ao *plural*, e, se forem de gêneros diversos, assume o adjetivo a flexão MASCULINA , que tem *preferência*. Exemplos:

Nessa *leitura e escrita* tão *arrepiadas* de dificuldades. (A.C.)¹⁰- Entrego ao *juízo e sentença final competentes* (A.C.)-O *homem,a mulher e o menino* formam *mortos*. - As angústias que resultam da *esperança e do temor combinados* ... (A.H.)-Este decreto tinha entrado nos *costumes* da Espanha com as *colônias* e com a *civilização romanas* (A.H.).

b) Quando o adjetivo está em relação atributiva ou direta com o substantivo, é *facultativa* e concordância com o último substantivo. Exemplos:

Prodígios de *bondade e onipotência divina* (ou *divinas*) (M.B.)-*Leitura e escrita nova* (ou *novas*) ... *leitura e escrita velha* (ou *velhas*) (A.C.)-*Preço e estimação ordinária* (A.V.)ou *estimação e preço ordinários*.-A coragem e a consagração invencível ou invencíveis dos mártires.

Nota.-Se os substantivos forem sinônimos , o adjetivo concorda com o mais próximo: “As maldições se cumpriram no *povo e gente hebréia*”(A.V.)

c) Precedendo o adjetivo em relação atributiva, concorda com o substantivo mais *próximo*. Exemplos:

Escolhestes *mau lugar e hora* para renovar a requista(A.H.)-Mudo está o arraial:*mudo* o céu e rio (A.C.)- ...a autoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunais, sôbre *cujo conselho e consciência* se costumam descarregar as dos reis (A.V.)

Precedendo um substantivo, título ou pronomes, opera-se a concordância no plural: *Os apóstolos* Barnabé e Paulo .(A.P.)-*Os irmãos* Joaquim e José (A.H.)-*Os Srs.Silva & Cia*.

Nota- Não é para se imitar a seguinte concordância que se acha no *Monasticon* de A.Herculano: A mão esquerda entre *cujos índice* e pendia o pergaminho;nem a seguinte de A.F.Castilho:...pelas exigências cada vez maiores *destas devoradoras e insaciáveis fome e sede* de leitura (Os Fastos,t.I,pág.315)

d) Se houver vários substantivos no plural, o adjetivo *atributo, posposto*, concorda com o mais *próximo*, ou com os que estiverem no *plural*,se forem de diferentes números.

Exemplos:

As armas e os *barões assinalados* (C.)ou- Os barões e as armas *assinaladas*.-Seus *temores e esperanças vãs* ou –Suas esperanças e *temores vãos*.

¹⁰ As abreviaturas da explanação da Gramática de Eduardo Carlos Pereira(1926),estão representando;A.H.-Alexandre Herculano,A.C.-Antônio Feliciano de Catilho,L.C.-José Maria Latino Coelho, G.-João Batista da Siva Leitão D’Almeida Garret,G.D.-A.Gonçalves Dias,O.M.-M.Odorico Mendes,F.Lisboa-João Francisco Lisboa,R.S.-Luís Augusto Rabelo da Silva,C.C.B-Camilo Cstelo Branco,F.E.-Filinto Elísio,Francisco Manuel do Nascimento, A.P.-Padre Antônio Pereir, A.V.-Padre Antônio Vieir,A.de F-Arte de Furtar,atribuída a A.V, M.B.-Padre Manuel Bernardes,L.S.-Fr.Luís de Sousa,J.Freire-Jacinto Freire de Andrade,F.M-D.Francisco Manuel de Melo,S.de Menezes-Sá de Menezes,F.R.L-Francisco Rodrigues Lôbo,C.-Luís de Camões,G.V.-Gil Vicente.

Nota.-O adjetivo predicativo guarda a concordância com o masculino: *Éstes meninos e meninas são estudiosos* .Igualmente: *Pedro e Maria são irmãos* .

e) Se os substantivos forem SINONIMOS ou exprimirem GRADAÇÃO, a concordância do adjetivo opera-se com o *último*.

Exemplos:

O amor e a *amizade verdadeira*. -Os tempos e *ocasião presente*.-A inteligência, o esforço, a *dedicação extraordinária*, venceu tudo.

f) É comum vir um substantivo no *plural* com dois ou mais adjetivos no *singular*, os quais exprimem as partes em que se decompõe o plural. Exemplos:

As gramáticas portuguesa, francesa e inglesa.-As literaturas grega e latina.-Os poderes temporal e espiritual (A.H.)-O velho e o Novo Testamentos.-O primeiro e o quinto Afonsos (C.)

Poder-se-á dar à frase outro torneio,preferido por alguns gramáticos, por exemplo:

A língua portuguesa,a francesa e a inglesa.- A literatura grega e a latina.-O poder temporal e o espiritual.-O velho e o Novo Testamento.

E,ainda,sem repetição do artigo ,por exemplo:

...a terceira,quarta,quinta e sexta idade : (A.V.)-Sejam os dois maiores da igreja grega e latina Nazianzeno e Agostinho (A.H.)-...o juízo universal e particular de vivos e mortos(Id.)-No tempo dos celtas e do domínio cartaginês e romano(Id.)

Logo depois, são apresentados os adjetivos numerais, conforme o fragmento

abaixo:

g) Os adjetivos *numerais cardinais*, empregados pelos ordinais, não recebem flexão feminina,por exemplo:

Página dois.-Casa vinte e um.

Nota.-Na linguagem forense se diz:Aos 24 dias do mês de abril.-A folhas trinta e duas.

h) Os adjetivos *-um e outro, nem um nem outro*, reclamam no singular o substantivo que modificam , e no plural o adjetivo ou substantivo postos em relação predicativa. Exemplos:

Uma e outra *margem* do Tejo (A.C.)-Um e outro *advogado* são hábeis.-Em um e outro caso *paralelos* se verificou a sentença de Santo Agostinho(M.B.)

i) Nestas expressões idiomáticas-“pobre do homem”, “desgraça de ti”, a interpretação da preposição *de* não impede a concordância do adjetivo, por exemplo:

Desgraçados dos homens .-Onde,a mais não poder,dormiam juntas as *pobres* as criadas(F.E)

O autor finaliza a sessão, com os adjetivos *mesmo* e *próprio* em suas concordâncias com os substantivos:

j) Os adjetivos *mesmo* e *próprio* unidos a um pronome concordam com o nome que este representa, por exemplo:

Eu mesmo ou mesma. -Vós próprio ou própria , próprios ou próprias.

k) O substantivo apostro, que equivale a um adjetivo, concorda com seu *fundamental*, em gênero e número, sempre que fôr possível, por exemplo:

O ódio, *filho* do orgulho. -A esperança, *filha* da fé. -Os condores, *reis* dos ares.-A lua, rainha da noite.

Nota-se que Pereira (1926), explana com vários exemplos a sintaxe do adjetivo referente ao substantivo, destacando as regras sobre a concordância nominal entre os adjetivos e substantivos, quando afirma que “Nessa leitura e escrita tão arrepiadas de dificuldades.” Em que aponta a flexão masculina quando houver mais de um substantivo e forem de gêneros distintos.

2.1.3 Concordância do pronome

Seguidamente o estudioso da língua portuguesa, traz a concordância nominal referente ao pronome:

Regra geral:

O PRONOME,quando se flexiona, concorda em GÊNERO e NÚMERO com o nome a que se refere.(pág.249)

Exemplos:

Para isso é preciso mais esforços para afrontar a morte. Mas tu o terás. Inspirar-io-ão o meu exemplo e a santa memória de nossos pais
 .-Quero tê-lo,Vasco,porque tu o desejas (A.H)

Regras especiais:

1. Os pronomes oblíquos *o,a,os,as*, referindo-se a substantivos de gêneros diversos,tomam no PLURAL a flexão MASCULINA.Exemplos:

Porque essas honras vãs,esse ouro puro,

Verdadeiro valor não dão à gente:

Melhor é merecê-los sem os ter

Que possuí-los sem os merecer.

2. Referindo-se a um substantivo modificado por outro regido da preposição da companhia *com*, pode o pronome ir para o plural, como acontece com o verbo. Exemplos:

Passava um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra do Gerez...salteou-os uma chuva fria e importuna (Fr.L.S)

Na passagem acima, o autor, cita a colocação a concordância nominal dos pronomes sobre o uso dos oblíquos átonos, nos casos em que os pronomes vão para o plural. Ali ele explica que os pronomes referindo-se a substantivos de gêneros diversos vão para o plural masculino. E outra ocorrência de pluralização do pronome acontece quando o substantivo for modificado por outro regido da preposição *com* (companhia). De acordo com trecho “Passava um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra do Gerez...salteou-os uma chuva fria e importuna (Fr.L.S)”

Agora, citaremos as sínteses da concordância nominal definida, conforme a Gramática Normativa da Língua Portuguesa de Carlos Henrique da Rocha Lima (2014). Essas sínteses são divididas entre: substantivo, pronome, artigo, numeral e adjetivo.

2.2 Concordância Nominal em Carlos Henrique da Rocha Lima (2014)

A Gramática Normativa de Rocha Lima teve a sua primeira versão lançada em 1957, no entanto, a obra consultada para a elaboração deste trabalho pauta-se na

edição de 2014, com alterações realizadas somente visando à reforma do novo acordo ortográfico.

Ou ainda, de acordo com a autora:

As alterações feitas visando a atualização ao novo Acordo Ortográfico restringiram-se estreitamente ao compulsado, buscando resguardar ao máximo os traços autorais originais da obra. Não foram modificados p cunho normativo da Gramática, nem sua doutrina, suas orientações linguísticas e didáticas; mantiveram-se tanto as particularidades estilísticas do professor Rocha Lima quanto a exemplificação dos fatos da linguagem por ele selecionada, firmemente decalcada do que de melhor se produziu nas literaturas em língua portuguesa.(ROCHA LIMA,A, 2014,p 22).

Complementando a ideia supracitada, a estudiosa destaca:

A atualização constituiu, basicamente, na adequação de todo o texto do volume à nova ortografia e na reformulação – sempre minimamente invasiva- do capítulo relativo à ortografia. Neste, na secção dedicada ao hífen, optou-se por reproduzir o texto do novo Acordo relativo ao assunto, assim como o Autor o havia feito anteriormente, transcrevendo o de 1943. Teve-se ainda o cuidado de assinalar, em todos os pontos que foram alterados e função do novo acordo, que ali houve uma mudança em relação à antiga regra. .(ROCHA LIMA,A, 2014,p 24).

O tópico que retrata o uso do Hífen notabiliza a sua aplicação em consonância com o novo Acordo ortográfico (2009). Assim, a explicação teórica da sintaxe da concordância nominal de Carlos Henrique da Rocha Lima (2014) é introduzida no próximo tópico.

2.2.1 A concordância nominal do substantivo empregado como adjetivo;

Conforme Rocha Lima (2014), a síntese da concordância nominal é definida como:

Singular e plural

Costuma-se empregar no singular o substantivo, quando acompanhado de certos pronomes indefinidos de sentido quantitativo

(muito, quanto), ou em algumas expressões (de pé descalço, de braço dado): (pág.363)

“(...) *quanta vez*, rodando aos ventos maus,

O primeiro pegão ,como a baixeis, quebrava!” (OLAVO BILAC)

“Ora (dizeis) ouvir estrelas!

Perdeste o senso!`E eu vos direi, no entanto,

Que, para ouvi-las, *muita vez* desperto

E abro as janelas,pálido de espanto ...” (OLAVO BILAC)

“Dessas rosas *muita rosa*

Terá morrido em botão ...” (MANUEL BANDEIRA)

Tal concordância é, porém, facultativa. O mesmo Bilac, autor dos versos dos dois primeiros exemplos, escreveu, adiante, no próprio poema- “O caçador de esmeraldas”:

“*Quantas vezes* Fernão, do cabeço de um monte,

Via lenta subir do fundo do horizonte

A clara procissão dessas bandeiras de ouro!”

a) Falando-se de uma coisa que pertence singularmente a cada um de vários indivíduos, é obrigatório que o substantivo fique no singular:

Eles puseram *o chapéu na cabeça* (e não: *os chapéus nas cabeças*)

Logo depois, são apresentados a sintaxe da concordância nominal relativos aos numerais:

b) Ao contrário,vai para o plural o substantivo que se refere a *datas, horas e páginas de livros* .Tal construção tem origem no uso dos numerais cardinais em vez dos ordinais.

O dizer-se,por exemplo, *Luís XV,Pio XI* (*Luís quinze, Pio onze por Luís décimo quinto ou décimo primeiro*) deu margem a que se estendesse este emprego a outras expressões comuns :

A ou aos 10 dias de setembro(= no décimo dia de setembro).

A folhas 17 (= na décima sétima folha).

A páginas 25 (= na vigésima quinta página).

c) Vai para o plural o substantivo modificado por vários adjetivos que expressam as diversas espécies contidas no gênero geral indicado pelo substantivo:

As línguas portuguesa, espanhola e francesa.

“Gloriava-se este de mui versado nas línguas grega, hebraica, siríaca, caldaica e muitas outras.” (MANUEL BANDEIRA)

“O quarto e quinto *Afonso* e o terceiro.”(CAMÕES)

“(…) as autoridades civil e eclesiástica . (CAMILO CASTELO BRANCO)

Nota

É também correto usar o substantivo no singular (precedido de artigo), antes do primeiro adjetivo, e omitir este substantivo antes dos outros adjetivos, repetindo-se, contudo, o artigo:

A língua portuguesa, a espanhola e a francesa.

O autor termina a explicação do tópico em ocorrências que o substantivo é modificado por vários adjetivos que remetem as diversas espécies contidas no gênero geral do nome indicado (substantivo). Vale ressaltar a observação de Rocha Lima (2014), sobre o uso do substantivo no singular (precedido de artigo), antes do primeiro adjetivo e a omissão deste substantivo antes dos demais adjetivos, repetindo-se, necessariamente, o artigo.

2.2.2Papel do artigo

Sobre a concordância nominal do artigo, Rocha Lima (2014) afirma:

Os artigos denotam a determinação, ou a indeterminação dos nomes dando-lhes, assim: (pág.367).

a) Indicação precisa (definido):

O trem chegou atrasado.

b) Indicação imprecisa (indefinido) :

Quebrou-se o eixo de um carro.

c) O artigo, individuando o nome, caracteriza-lhe o gênero e o número:

O mapa, o telefonema, a faringe, os pires, os ônus, etc.

d) O artigo substantiva qualquer palavra ou frase:

Um *sim*, ou um *não*. O não posso dos indolentes. Entoaram um Te-Deum-laudamus.

Rocha Lima comenta, ainda, os casos de omissões e repetições dos artigos:

Omissão e repetição do artigo

Nem sempre os nomes aceitam a determinação articular:

Deus. Maria Santíssima. Minerva. Vulcano

a) Muitos são os locativos que rejeitam o artigo:

Portugal, Minas Gerais, São Paulo, Belo Horizonte, Copacabana, Icaraí, Cascadura.

b) Nomes de cidades geralmente o desaceitam:

Bucareste, Cabul, Éfeso, Genebra, Niterói, Florianópolis.

Quando precedem de nomes comuns, admitem-no:

O Rio de Janeiro, o Porto.

Diz-se: o Cairo, o Havre, Recife ou o Recife.

c) Nomes de continentes, países, regiões, montes, rios, mares, constelações, etc., usam-se com o artigo:

A América, a Normandia, o Brasil, os Andes, o São Francisco, o Adriático, a Via-láctea, etc.

Podem, porém, dispensá-los:

“Já aqui tínhamos dado um grão rodeio

À costa negra *de África...*” (Os Lusíadas, V.65)

“Eis aqui se descobre a nobre Espanha,

Como cabeça ali de Europa toda ...” (Os Lusíadas, III, 17)

os reis de França, os grandes de Espanha,

fio de Escócia, rendas de Holanda.

d) Quando ampliados, locativos que não aceitam o artigo, admitem-no:

A Roma imperial. O Portugal do século de Quinhentos.

e) Dizemos: o Sol, a Terra, a Lua.

Mas: Saturno, Marte, Netuno, etc.

f) Quanto a bairros e arrabaldes do Rio de Janeiro, há o mesmo arbítrio:

a Tijuca, Copacabana, a Penha , Cascadura, Catumbi, o Leme, o Andaraí.

g) *Casa*, significando lar, não sofre determinação, como se vê nas frases seguintes:

Fique *em casa*. Não saio *de casa*.

Passe *por casa*. Volto *a casa*.

h) Quanto aos antropônimos (nomes personativos), a presença do artigo exprime, talvez, maior aproximação afetiva, íntima, familiar:

O Rodolfo está fora. Encontrei o Macedo.

i) Não se usa o artigo antes de nomes ou expressões de sentido generalizado:

Amor é sacrifício. Avareza não é economia.

j) *Outro*, em sentido determinado, é precedido de artigo; não, quando indeterminado:

Fiquem dois aqui; *os outros* podem ir.

Uns estavam atentos; *outros* conversavam.

k) Não se repete o artigo em construções como esta:

Os planos (os) mais elevados.

Pode-se, porém, variar em:

Planos os mais elevados.

Os mais elevados planos.

l) Repete-se o artigo:

- Nas oposições entre pessoas e coisas:

o rico e o pobre, o médico e o cliente , a alegria e a tristeza.

- Na qualificação antonímica do mesmo substantivo:

o bom e o mau ladrão, o homem antigo e o moderno, o Novo e o Velho Testamento.

-Na distinção de gênero e número:

o patrão e is operários , o genro e a nora.

m) Diga-se sempre *Os Lusíadas*: “o artigo também pertence ao título, do qual nunca se deve desligar”- ensina o mestre camonista dr.José Maria Rodrigues. Assim também *O paraíso perdido*, *A Eneida*, *As sabichonas*, etc.

n) Não se repete o artigo:

- Quando há sinonímia, indicada pela explicativa ou:

A botânica ou fitologia.

-Quando adjetivo qualificam o mesmo substantivo:

A clara, persuasiva e discreta exposição de Viera.

A menos que, por ênfase , se prefira a repetição:

A alta, a nobre, a luminosa palavra de Vieira.

o) Usa-se o artigo antes dos nomes de letra (o a, o b e o c);de algarismos (o dois, o cinco , os zeros);das notas musicais (o dó, o ré, o fá); dos dias de semana (a terça-feira, o sábado); das estações (a primavera, o outono); de embarcações (o Humaitá , o Serra Nevada); de clubes e agremiações (o “América”, os “Democráticos”), etc.

Não o aceitam os nomes dos meses: janeiro- dezembro, etc.

No excerto acima, o autor, faz a explanação da sintaxe da concordância nominal dos artigos, se acentuado nos casos de omissões e repetições, quanto aos antropônimos, sinonímias e outras ocorrências explicitadas.

2.2.2 Concordância do adjetivo com o substantivo

A concordância do adjetivo com o substantivo faz-se consoante os seguintes preceitos gerais, ROCHA LIMA (2014)

Se o adjetivo modificar um só substantivo, tomará o gênero e o número deste: *homem alto, mulher alta, homens altos, mulheres altas.* (pág.376)

a) Se houver vários substantivos, de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode ir para o *masculino do plural*, ou concordar apenas com o substantivo *mais próximo*.

A escolha está sujeita às exigências da eufonia e da clareza, e subordina-se principalmente à intenção do escritor.

Dir-se-á , portanto:

O pai e a mãe *extremosos* ou *extremosa*,

conforme o adjetivo se refira a ambas as pessoas (pai e mãe), ou especialmente à mãe .

No caso de o adjetivo preceder os substantivos, far-se-á a concordância com o primeiro destes:

Boa hora e local escolheste!

No trecho anterior, o pesquisador destaca a presença da eufonia na flexão dos adjetivos.

b) Ainda as mesmas condições são seguidas, quando os substantivos são de gêneros e números variados:

agastamentos e ameaças *fingidos ou fingidas*

prantos, lamentações e mágoas *dolorosos ou dolorosas*

propósitos e tentativas *malogradas*.

Desde que haja mais de um substantivo, a regra estritamente lógicas é a concordância do adjetivo com todos os substantivos, observando-se a primazia do masculino sobre o feminino, e a do plural sobre o singular. Mas os princípios supremos da eufonia e a da clareza não raro impõem a concordância com o substantivo mais próximo.

Paralelamente a – *Os poemas camoniano e virgiliano* – diremos: *O poema camoniano*, e *o virgiliano*. E assim: A indagação histórica, e a geográfica, etc.

Depois da descrição da sintaxe referente ao adjetivo com o nome em que se modifica o autor, comenta sobre a concordância do numeral.

2.2.4 Concordância do numeral

Seguidamente Rocha Lima (2014), aborda a sintaxe do numeral em sua gramática:

Posição dos cardinais

a) Os numerais cardinais precedem sempre os substantivo: (pág.380)

Catorze dias, duas casas, cinquenta anos, cem anos.

Exemplos contrários, em poesia, não constituem exceção:

“Tal no pleito c’o Oceano e Amazonas

Para sorvê-lo a larga foz medonha

Léguas abre *setenta!*”(Gonçalves de Magalhães)

Posição dos ordinais

a) Os ordinais colocam-se antes ou depois do substantivo; preferentemente antes, quando se quer designar as partes antes do todo:

No *quinto mês* do ano.

O *segredo canto* de Os Lusíadas.

O *primeiro século* depois de Cristo.

Mas também se diz:

O *canto segundo* de Os Lusíadas.

A invasão dos árabes foi no *século oitavo*.

Antepõem-se, outrossim, os ordinais, em expressões fossilizadas, como as referentes aos dias da semana:

terça-feira, quinta-feira

O autor destaca as colocações dos numerais cardinais e ordinais em relação ao substantivo em que se referem em sua breve explanação. Em que os numerais cardinais sempre precederam os substantivos e os ordinais posicionam-se antes ou depois, de preferência antes, quando se quer referenciar as partes antes do todo, porém, há exceções como nas construções supracitadas.

2.2.5 Concordância do pronome

Finalizando a sintaxe da concordância nominal do estudioso da língua português, Rocha Lima(2014), explana sobre o pronome. Vejamos a seguir:

Os pronomes pessoais:

a) São formas retas ou subjetivas, isto é, empregam-se como sujeito:

1ª pessoa : eu / nós

2ª pessoa : tu,você/ vós, vocês

3ª pessoa: ele,ela/eles,elas

O pronome *você* pertence realmente à 2ª pessoa, isto é, àquela *com quem se fala*,posto que o verbo com ele concorde na forma da 3

a) pessoa. Tal ocorre em virtude da origem remota do pronome (vossa mercê). A concordância faz-se com o substantivo mercê, como nos tratamento de reverência (Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, etc.); é com os substantivos e não com o possessivo (vossa) que se estabelece a concordância.

b) Estas mesmas formas empregam –se como o predicativo:

“Nas minhas terras, o rei sou *eu*.” (Alexandre Herculano)

“Quem me dera ser *tu*.” (Alexandre Herculano)

c) Tu e vós podem ser vocativos:

Rocha Lima traz ainda, a colocação dos pronomes oblíquos:

d) São formas oblíquas (objetivas diretas):

1ª pessoa : *me/nos*

2ª pessoa : *te, você, o a, vos, se* (singular e plural , exclusivamente reflexivo)

3ª pessoa: *o,a,os,as,se se* (singular e plural , exclusivamente reflexivo)

Exemplificação:

Chamaram-*me*. Convidaram-*me* .

Estimo-*te*. Respeito-*vos*.

Acompanho *você* (s). Acompanho-*o*(s).

e) São formas oblíquas (objetivas indiretas):

- átonas

-Quer falar-*me*? Mandara-*nos* as cópias?

Obedeço-*te*.

Fique sossegado; aconselho-*lhe* que não responda.

Mande-*lhe* recado. Ele(s) *se* reserva(m) o direito de intervir.

-tônicas

Venham *a mim*. Venham *a nós*.

Irei *a ti*. *A vós* irei.

Tudo direi *a vocês* .

Seguidamente, sobre os pronomes possessivos:

Pronomes possessivos

a) Os pronomes possessivos relacionam-se com as pessoas gramaticais:

b) Concordam os possessivos, em gênero e número, com a coisa possuída; e em pessoa, com o possuidor :

Nossos trabalhos.

Vossa delicadeza.

c) Os possessivos, quando ao lado de substantivos, podem vir precedidos, ou não, de artigo:

Por fim, a explanação dos pronomes demonstrativos, elencados com os dêiticos e anafóricos:

Pronomes demonstrativos

a) O emprego dos pronomes demonstrativos *este, esse, aquele, isto, isso, aquilo*, condiciona-se ao lugar em que estão os seres ou coisas cujos nomes tais demonstrativos determinam.

Este, isto, para o que está próximo da pessoa que fala (eu):

Tire estes livros daqui.

Esse, isso, para o que está mais afastado; frequentemente próximo da pessoa com quem se fala (tu, você, etc.):

Lendo os autores:

“Pesa-me esta brilhante auréola de nume...

Enfara-me esta azul e desmedida umbela...” (Olavo Bilac)

“Só lhe saiu este pequeno verso:

‘Mudaria o Natal, ou mudei eu?’ (Machado de Assis)

b) Estas noções se aplicam também à distancia no tempo, e a referências ao que se mencionou na extensão de um trecho, de uma obra:

Naquele tempo, dizia Jesus a seus apóstolos...

Nessas observações, que há pouco lemos...

“E nessa hora em que a glória se obumbrava...” (Gonçalves de Magalhães)

Dêiticos e Anafóricos

Observando os exemplos citados, verificamos que os demonstrativos têm aplicação dupla:

a) Indicam proximidade, ou afastamento, no espaço e/ou no tempo, em relação às pessoas de colóquio (emprego dêitico), como em :

“O coração que bate neste peito,

E que bate por ti unicamente...”(1ª pessoa)

“- Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho, /Dize, quem foi que to ensinou?” (2ª pessoa)

b) Referem-se ao que ainda vai ser enunciado, bem como ao que já foi mencionado no texto (emprego anafórico):

“Só lhe saiu este pequeno verso:

‘Mudaria o Natal , ou mudei eu?’”

No trecho supracitado, o autor, além de diferenciar as três formas de flexão dos pronomes: pessoais, possessivos e demonstrativos. Elenca-se o uso dos dêiticos e anafóricos, em que o pronome faz referência ao falante em uma situação de produção de um determinado enunciado.

Após a breve leitura das gramáticas dos pesquisadores: Carlos Eduardo Pereira (1926) e Carlos Henrique da Rocha Lima (2014), explanando as questões internas da língua portuguesa, passaremos no próximo capítulo a analisar as *Cartas Mattogrossenses*, seguindo o princípio da Adequação, conforme a metodologia de pesquisa de Koerner(1995).

3. A ANÁLISE DAS CARTAS MATTOGROSSENSES (1920): LEVANTAMENTO E ANÁLISE DO CORPUS LINGUÍSTICO

Nesta unidade, é feita a análise do *corpus*¹¹ apresentado nos capítulos antecedentes. Conforme os princípios defendidos por Koerner (1995), é aplicado o último estágio da pesquisa, referente à adequação considerada a aproximação, entre o passado e o presente das ocorrências dos elementos internos da língua.

De acordo com a pesquisadora da área:

O princípio da Adequação consiste em um vínculo que se estabelece entre o presente e o passado, compreendendo a mudança da língua baseada em situações linguísticas (aspectos externos) a que foram expostas sob o eixo do tempo. (IWASSA, 2014,p.28)

Depois de definir a aplicação do princípio da adequação, que analisa a aproximação temporal referente à estrutura interna da língua. Observa-se a análise do *corpus*, no fragmento adiante.

3.1 O Levantamento gráfico da concordância nominal

A HL, possibilita, neste trabalho, uma discussão e reflexão sobre as cartas em análise. Tal discussão permite a aproximação com a fonte, em caráter sintático sobre a perspectiva da linguística retratada nos documentos que descreveram o Estado de Mato Grosso¹².

O processo ocorre da seguinte forma: primeiramente, fazemos o levantamento e amostragem do número de concordância nominal de cada documento, análise comparativa das ocorrências sobre concordância nominal entre E.C.P e RL¹³.; a segunda etapa consiste na demonstração das ocorrências nominais, por meio de

¹¹ As *Cartas Mattogrossenses* (1920).

¹² Na época, em questão, era um único estado da federação: Mato Grosso comparado, ao então, Mato Grosso do Sul.

¹³ A partir desse momento; utilizamos as abreviaturas designadas para extração dos gramáticos, Carlos Eduardo Pereira e Carlos Henrique da Rocha Lima.

tabela sobre as análises detectadas no processo, viabilizando a discussão e reflexão da sintaxe e, por fim, apresentamos uma amostragem por categorias, comparando as ocorrências que obtiveram maior incidência e seu prevaecimento no *corpus* levantado.

Para o levantamento e análise do *corpus*, aplicamos o princípio de adequação desenvolvida por Koerner (1995):

A *adequação*, desse modo, pode funcionar como dois espelhos que refletem o mesmo objeto em momentos históricos distintos. É a partir de uma observação comparativa que podemos perceber as nuances sutis, principalmente, de elementos ora presentes, ora ausentes em um quadro determinado pela forma de apresentação textual da língua.(ALMEIDA,2015,p.29)

Desta maneira, se aplica o princípio supramencionado para a análise das *Cartas Mattogrossenses* (1920).

As cartas seguem a seguinte ordem para análise: a) *A imprevidencia nacional*; b) *Viagem do Rio e Cuyaba* e c) *A vida pastoril e agraria do estado*¹⁴.

3.1.1 A Concordância Nominal do Nome com os Artigos Definidos e Indefinidos nas cartas¹⁵

O levantamento das ocorrências nominais, referentes aos artigos definidos e indefinidos, será apresentado por tabelas que demonstram as quantidades das existências do tema em pesquisa, no corpus, e discorreremos sobre o aspecto teórico embasados nas gramáticas de E.C.P (1926) RL. (2014).

Tabela 3: ocorrências nominais nas cartas

Concordância nominal referente ao artigo definido e indefinido

artigos definidos	artigos indefinidos	Total

¹⁴ Estas cartas estão em anexo.

¹⁵ *Cartas Mattogrossenses* (1920)

179	21	200
-----	----	-----

Fonte:Jornal O Paiz (1920)

A tabela acima nos mostra a quantidade dos artigos definidos e indefinidos no corpus, totalizando 200 ocorrências; 179 referentes aos definidos e 21 relacionados aos indefinidos. A concordância nominal, concernente aos artigos segundo E.C.P (1926), é explanada com as seguintes palavras “Concordância é o processo sintático pelo qual algumas palavras mudam de flexão para se porem de acôrdio com *gênero*, *número* e *pessoas* de outras, a que se referem.” (PEREIRA,1926,p.236). Observa-se, a aplicação deste conceito nos exemplos abaixo:

- O uso dos artigos definidos

Na construção o *valor*, emprega-se o conceito de E.C.P, em que a concordância nominal obedece a relação de flexão com o nome que o sucede, relativo ao gênero. Neste caso, o artigo masculino singular o concorda com o nome que o sucede, que é o substantivo masculino *valor*.

Seguidamente, na frase *os governos*, aplicou-se a concordância nominal, referente ao nome flexionando com o número e gênero, em que o artigo *os*, masculino plural, concorda com o substantivo, masculino plural, *governantes*, estabelecendo assim a coerência da sintaxe.

Ou ainda, RL explica “Os artigos denotam a determinação, ou a indeterminação dos nomes dando-lhes, assim: O artigo, individuando o nome, caracteriza-lhe o gênero e o número: O mapa, o telefonema, a faringe, os pires, os ônus, etc.” (ROCHA LIMA, 2014, p.367).

Conforme o conceito de RL. (2014), entramos com a aplicação da sintaxe nominal nos seguintes exemplos:

Em o *deserto*, há flexão do artigo masculino o, em relação ao nome que o sucede, deserto - substantivo masculino singular - estabelecendo a concordância nominal de gênero. Igualmente, na frase *a guerra*, observa-se a flexão do artigo feminino singular *a*, com o substantivo feminino *guerra* que a sucede.

- O uso dos artigos indefinidos

Nos casos das colocações dos artigos indefinidos, temos como elemento basilar a definição de E.C.P(1926) e RL. (2014), em que ambos declaram a sintaxe da concordância nominal referente ao artigo com o nome, flexionando-se conforme número e gênero. Segue o exemplo:

Na construção *uma ilusão*, o artigo indefinido feminino singular *uma* flexiona-se com o substantivo feminino no singular *ilusão*, demonstrando a concordância nominal referente ao gênero. Agora, na frase *umas notas*, encontra-se a concordância nominal do substantivo feminino plural *notas*, com o artigo indefinido *umas*.

Logo, os modelos acima mostram uma aproximação teórica dos gramáticos consultados E.C. P (1926) e RL. (2014) em relação à sintaxe da concordância nominal relacionado aos artigos definidos e indefinidos.

3.1.2 A Concordância Nominal do Nome com os Pronomes Pessoais, Possessivos, Demonstrativos e Indefinidos nas Cartas.

Tabela 4: ocorrências nominais nas cartas

Concordância nominal referente ao pronome pessoal, demonstrativo, indefinido e possessivo.

Pessoais	Possessivos	Demonstrativos	Indefinidos	Total
18	43	39	28	128

Fonte:Jornal O Paiz (1920)

A demonstração acima retrata as quantidades dos pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e indefinidos nos corpus, totalizando 128 ocorrências; 18 inerentes aos pronomes pessoais, 43 referentes aos pronomes possessivos, 39 ocorrências de pronomes demonstrativos e 28 relacionados aos indefinidos.

A sintaxe da concordância nominal relacionada ao pronome, conformemente o pesquisador da área, “O PRONOME,quando se flexiona, concorda em GÊNERO e

NÚMERO com o nome a que se refere.” (PEREIRA,1926,p.249) .E, então observamos a colocação da definição acima citada nos exemplos a seguir:

No próximo trecho, encontra-se o uso do pronome pessoal do caso reto:

Nós não precisamos fazer o elogio da serie de “Cartas Mattogrossenses”, que o Dr. Simoens da Silva tem publicado nesta folha. O ilustre americanista , habituado aos modernos methodos scientificos, baseia os seus escriptos na mais rigorosa observação. E vem dàhi o valor delles e o alto interesse que apresentam. (SILVA,1920,p.3)

O pronome *nós* consente com o verbo *precisamos* flexionando-se em conformidade com o número em que o pronome *nós* 1º pessoa do plural do caso reto, consonante com o verbo precisar no plural da 1º pessoa.

Ou ainda,no fragmento (SILVA,1920) “... a ellas apropriadas, por quasi todo o Estado.” Estuda-se a sintaxe da concordância nominal pertencente ao pronome pessoal do caso reto, 3º pessoa do plural feminino, correspondente ao nome, que o sobrepõe, flexionando-se em número e gênero.

Em relação à concordância nominal, pertinente ao pronome pessoal do caso oblíquo, o pronome deve concordar com o nome que o sucede, estabelecendo a relação de número e gênero. (PEREIRA, 1926)

Em concordância com a afirmação anterior, constata-se no *corpus* “Mas a verdade é que todas as nossas riquezas jámais passarão de uma illusão- se não soubermos aproveitá-las. E fazemos, desgraçadamente, peor do que abandoná-las.” A aplicação da explanação, no qual os pronomes pessoais oblíquos átonos, da 3 º pessoa do plural *las* dos modelos: aproveitá-las e abandoná-las, encaixam-se na teoria de E.C.P (1926), comentada anteriormente,flexionando de acordo com o gênero e número com da palavra concernente.

Ainda assim em RL:

f) Estas mesmos formas empregam-se como o predicativo:

“Nas minhas terras, o rei sou *eu*.” (Alexandre Herculano)

“Quem me dera ser *tu*.” (Alexandre Herculano)

g) Tu e vós podem ser vocativos:

h) São formas oblíquas (objetivas diretas):

1ª pessoa : me/nos

2ª pessoa : te, você, o a, vos, se (singular e plural , exclusivamente reflexivo)

3ª pessoa: o,a,os,as,se se (singular e plural , exclusivamente reflexivo)

Exemplificação:

Chamaram-*me*. Convidaram-*me* .

Estimo-*te*. Respeito-*vos*.

Acompanho *você* (s). Acompanho-*o*(s).

i) São formas oblíquas (objetivas indiretas):

- átonas

-Quer falar-*me*? Mandara-*nos* as cópias?

Obedeço-*te*.

Fique sossegado; aconselho-*lhe* que não responda.

Mande-*lhe* recado. Ele(s) se reserva(m) o direito de intervir.

-tônicas

Venham *a mim*. Venham *a nós*.

Irei *a ti*. A *vós* irei.

Tudo direi *a vocês* . (ROCHA LIMA,2014,p.386)

Após, a leitura da explicação de RL. (2014), compreendemos a similaridade dos estudiosos da área, E.C.P(1926) e RL.(2014) os quais afirmam que a concordância nominal, pertinente aos pronomes pessoais dos caso reto e oblíquo deveram estabelecer uma coerência em relação ao nome que o sobrepõe, estabelecendo um sentido sobre gênero e número.

Os pronomes possessivos, consonante ao pesquisador, “O PRONOME,quando se flexiona, concorda em GÊNERO e NÚMERO com o nome a que se refere” (PEREIRA, 1926, p.249). Vejamos a seguir a sua execução nos trechos extraídos das cartas.

Vamos completar o primeiro seculo de independencia . E todos os nossos governos, o federal como os estadoaes, precisam aprender a olhar com um pouco de inteligencia e de carinho por este tão grande e ainda tão desamparado paiz. . (SILVA,1920,p.3)

No excerto citado, o pronome possessivo, da 3 °pessoa do plural masculino *nossos*, concorda com o substantivo masculino plural *governos*.

Ou ainda, no segmento:

Até onde nos levarão os actos da velha imprevidencia nacional, a pratica generalizada do *lenocinio do nosso solo*, como admiravelmente dizia Alberto Torres, se os governos não conseguirem organizar a reacção e a defesa? (SILVA,1920,p.3)

Nesta demonstração do corpus, o pronome possessivo da 3ªpessoa do singular masculino, *nosso*, refere-se ao nome, *solo*, o qual é da classe gramatical; substantivo masculino singular.

Ambas as explanações obedecem à flexão do pronome em gênero e número, em conformidade com E.C.P(1926).

Assim como em RL. (2014, p.386) “Concordam os possessivos, em gênero e número, com a coisa possuída; e em pessoa, com o possuidor”. Portanto, entende-se a aproximação teórica entre os pesquisadores pertinentes à sintaxe da concordância nominal, sobre os pronomes possessivos.

A explicação teórica, referente ao pronome demonstrativo, segundo o gramático, “O PRONOME,quando se flexiona, concorda em GÊNERO e NÚMERO com o nome a que se refere”. (PEREIRA,1926,p.249).Assim E.C.P(1926), afirma a concordância nominal desta classe gramatical.

Analisemos os casos:

Silva (1920, p.3) “É natural, porque vive na abundancia, e os governos jámais souberam incutir-lhes essa preciosa virtude, como jámais souberam cuidar com eficiencia dos seus sagrados interesses.”

O pronome demonstrativo, *essa* 2º pessoa do singular feminino, fixa uma relação de concordância nominal com a palavra *preciosa*, na qual há a ligação de gênero.

Em outro, fragmento:

No entanto, é celebre esse cemiterio , pelo numero de corpos dados ali à sepultura , por ocasião da constricção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil , devido aos constantes assassinatos praticados entre os trabalhadores da linha , então homens da pior especie , que para esse ponto afluíam , afim de ganhar a vida, fugindo à justa perseguição da polícia dos centros, onde delinquiram. (SILVA,1920,p.4)

O escritor Silva(1920), aplica a sintaxe da concordância nominal co o pronome demonstrativo, *esse* 2º pessoa do singular masculino,que se flexiona com o substantivo ,masculino singular ,*cemiterio*.

Como verificação do distanciamento da estrutura interna da língua, comenta-se sobre a teoria defendida por RL. (2014):

O emprego dos pronomes demonstrativos *este, esse, aquele, isto, isso, aquilo*, condiciona-se ao lugar em que estão os seres ou coisas sujeitos nomes tais demonstrativos determinam.

Este, isto, para o que está próximo da pessoa que fala (eu):

Tire estes livros daqui.

Esse, isso, para o que está mais afastado; frequentemente próximo da pessoa com quem se fala (tu, você, etc.):

Lendo os autores:

“Pesa-me esta brilhante auréola de nune...”

Enfara-me esta azul e desmedida umbela...” (Olavo Bilac)

“Só lhe saiu este pequeno verso:

‘Mudaria o Natal , ou mudei eu?’(Machado de Assis) (ROCHA LIMA,2014,p.389)

De acordo com a explicação de RL. (2014), os pronomes demonstrativos flexionam-se conforme a posição em que estão os sujeitos, ou os nomes que determinam tais pronomes, por conseguinte, ao compararmos as duas explicações dos gramáticos, observa-se a harmonia entre as teorias citadas neste tópico, relativo à sintaxe da concordância nominal pertinente ao pronome demonstrativo.

Por fim, os pronomes indefinidos, favoráveis à sintaxe da concordância nominal, obedecem a definição geral que E.C.P(1926) afirma. “O PRONOME, quando se flexiona, concorda em GÊNERO e NÚMERO com o nome a que se refere.” (PEREIRA, 1926, p.249).

Vejamos a seguir os trechos para a execução da teoria gramatical elencadas:

Silva(1920,p.3) “O que Matto Grosso contém como riquezas, em todos os reinos da natureza, é digno das imaginações asiáticas, é simplesmente de entusiasmar e deslumbrar.”

O pronome indefinido variável masculino plural *todos* estabelece a relação de concordância nominal com o substantivo masculino plural *reinos*.

Como também em, Silva (1920, p.4) “E Varias plantações têm sido feitas de canna de açúcar, milho, feijão, arroz, mandioca, sem falar das ótimas experiências do trigo e da aveia.”

Nota-se o emprego do pronome indefinido variável feminino plural, *varias* flexionando-se, conforme o nome *plantações* que sobrepõe ao substantivo feminino plural.

Com as exemplificações anteriores, notamos a afinidade teórica sobre a concordância nominal dos pronomes indefinidos ditas pelos gramáticos em questão, E.C.P(1920) e RL.(2014).

3.1.3 A Concordância Nominal dos Nomes com os Adjetivos Compostos, Uniformes e Biformes nas Cartas.

Tabela 5: ocorrências nominais nas cartas

Concordância nominal referente ao adjetivo composto, uniforme e biforme.

composto	uniforme	biforme	total
2	30	118	140

Fonte:Jornal O Paiz (1920)

A tabela acima descreve os levantamentos dos adjetivos compostos, uniformes e biformes nas cartas, atingindo 140 ocorrências; 2 inerentes aos adjetivos compostos; 30 referentes aos adjetivos uniformes, e 118 com maior ocorrência dos adjetivos biformes.

O estudioso da língua portuguesa, Silva (1920, p.246), afirma a sintaxe da concordância nominal pertinente ao adjetivo composto, “O adjetivo quer seja *atributo* quer *predicado*, concorda com o substantivo a que se refere em GÊNERO e NÚMERO.” Tal como, Rocha Lima(2014,p. 376) “Se o adjetivo modificar um só substantivo, tomará o gênero e o número deste: *homem alto, mulher alta, homens altos, mulheres alta.*”

Os gramáticos, consultados para essa análise, não especificam a aplicação para a concordância nominal correlacionada com os adjetivos compostos e uniformes, no entanto, citam com clareza a flexão dos adjetivos biformes. Vejamos as ocorrências coletadas.

Em *A imprevidencia Nacional* (1920):

Essa colonização parece adaptar-se admiravelmente ao nosso paiz, da mesma fórma como se frimaram entre nós a allemã e a portugueza.Trabalhadora, higienica,alheia ás paixões politicas locaes, e, de todo , progressiva para si vive, convivendo, portanto , exclusivamente com os da sua raça, sem o menor cruzamento com os filhos do paiz, para onde emigra, assim concorrendo para manter o intacto o typo de origem e evitar o supposto perigo amarelo! (SILVA,1920,p.3)

No fragmento abordado, o emprego da sintaxe, em relação aos adjetivos bifomes como: *alemã, portuguesa, trabalhadora, higienica e amarelo* estabelecem uma relação de coerência pertinente à concordância nominal sobre os adjetivos bifomes. Como nos modelos extraídos da obra, os adjetivos *trabalhadora e higienica* concordam com a palavra *colonização*, que faz inferência à colonização japonesa. Consolidam a sintaxe da concordância nominal, sobre os adjetivos bifomes no âmbito do gênero, neste caso, exemplificados por adjetivos femininos singulares, *trabalhadora e higienica*.

A aplicação da explanação referente ao adjetivo indefinido encontra-se na seguinte colocação:

Outro grande elemento de prova, fornece o leite, cujas vacas, independente das ricas e perennes pastagens, com especialidade as do sul, alimentam-se ainda com frutas e cocos, transmitindo-lhe esplendido paladar e indiscutível poder nutritivo. (SILVA, 1920, p.4)

A execução da concordância nominal do adjetivo indefinido, *grande*, conjumina com o substantivo masculino, *elemento* com qual se correlaciona na questão do gênero e número com o adjetivo indefinido *grande*.

Para recapitular, a sintaxe da concordância nominal congruente ao adjetivo, no ponto de vista dos estudiosos, E.C.P (1920) e RL.(2014), andam em coerência com as teorias defendidas e explanadas neste tópico.

3.2 Quadro das ocorrências nominais e discussão dos dados

A discussão e análise do *corpus* deste trabalho foram embasadas nas ocorrências nominais, levantadas das três cartas já mencionadas anteriormente. Os princípios de Imanência e Adequação ganham consistência com fundamento nos estudos do gramático E.C.P (1926), conferindo a manifestação da sintaxe em relação à concordância nominal. Tal relação com a concordância nominal, entre o período anterior e atual, contempla-se nesta pesquisa, a partir de RL.(2014) que possibilita, a

aproximação temporal por meio das definições apresentadas no panorama contemporâneo.

Com o objetivo de estabelecer uma representação dos dados levantados de cada carta, seguem abaixo os quadros com as ocorrências, conforme as categorias referentes às concordâncias nominais da língua portuguesa.

Vale ressaltar que os dados expressos em porcentagem consistem em uma análise particular de cada *corpus*. Os dados coletados foram separados por categoria gramatical, preconizando as ocorrências com o maior número recorrentes em cada grupo.

3.3 *A imprevidencia nacional* – Jornal *O Paiz* (1920)

Quadro 1 : ocorrências nominais relativas aos artigos, pronomes e adjetivos da língua portuguesa na carta *A imprevidencia nacional*

Categorias	Quantidade de ocorrências	Percentual
Artigos definidos	30	40%
Artigos indefinidos	3	4%
Pronomes pessoais	8	10,66%
Pronomes possessivos	7	9,33%
Pronomes demonstrativos	2	2,66%
Pronomes indefinidos	4	5,33%
Adjetivos compostos	0	0%
Adjetivos uniformes	7	9,33%
Adjetivos bifformes	14	18,69%
Total das ocorrências	75	100 %

Fonte: Elaboração da pesquisadora conforme dados da pesquisa

3.4 A viagem do Rio a Cuyaba - Jornal O Paiz (1920)

Quadro 2 : ocorrências nominais relativas aos artigos, pronomes e adjetivos da língua portuguesa na carta *A viagem do Rio a Cuyaba*

Categorias	Quantidade de ocorrências	Percentual
Artigos definidos	77	47,23%
Artigos indefinidos	8	4,90%
Pronomes pessoais	2	1,22%
Pronomes possessivos	16	9,81%
Pronomes demonstrativos	10	6,13%
Pronomes indefinidos	4	2,45%
Adjetivos compostos	1	0,61%
Adjetivos uniformes	14	8,58%
Adjetivos biformes	30	18,40%
Total das ocorrências	163	100 %

Fonte: Elaboração da pesquisadora conforme dados da pesquisa

3. 5 À vida pastoril e Agraria do Estado- Jornal O Paiz (1920)

Quadro 3 : ocorrências nominais relativas aos artigos, pronomes e adjetivos da língua portuguesa na carta *À vida pastoril e agraria do estado*

Categorias	Quantidade de ocorrências	Percentual
Artigos definidos	72	29,87%
Artigos indefinidos	10	4,14%
Pronomes pessoais	8	3,31%
Pronomes possessivos	20	8,29%
Pronomes demonstrativos	27	11,20%
Pronomes indefinidos	20	8,29%
Adjetivo composto	1	0,41%
Adjetivos uniformes	9	3,73%
Adjetivos biformes	74	30,76%
Total das ocorrências	241	100 %

Fonte: Elaboração da pesquisadora conforme dados da pesquisa

A síntese do quadro da carta *A imprevidencia nacional* (1920) demonstra a maior ocorrência, em relação à concordância nominal referente ao artigo com aproximadamente 44%, seguido da ocorrência associado ao pronome com aproximadamente 27,98%, e, por último, a flexão relativo ao adjetivo com a porcentagem de 18,02 %.

No quadro da carta *A viagem do Rio a Cuyaba* (1920) demonstra a maior ocorrência em relação à concordância nominal pertinente ao artigo com aproximadamente 52,13%, seguido da ocorrência alusiva ao pronome com aproximadamente 19,61%, e, por fim, a flexão sobre o adjetivo com a porcentagem de 28,20 %.

A síntese do quadro da carta *À vida pastoril e agraria do estado* (1920) demonstra a maior ocorrência associada à concordância nominal no tocante ao adjetivo, com aproximadamente 34,90%, seguido da ocorrência com o artigo de aproximadamente 34,01%, e se conclui com a flexão referente ao pronome nua porcentagem de 31,09%.

Assim, as categorias referentes às concordâncias nominais estabelecem as seguintes explicações: os artigos estabelecem uma relação sintática com o substantivo, quando determina uma relação de gênero e número. E.C.P e RL. Explanam a mesma relação de sintaxe para essa classe gramatical.

Observa-se uma aproximação entre os estudiosos, nestes fragmentos:

Pereira (1926, p. 236) descreve, “Concordância é o processo sintático pelo qual algumas palavras mudam de flexão para se porem de acôrdo com *gênero, número e pessoas* de outras, a que se referem.”

E, então, o estudioso Rocha Lima (2014, p.367) define “O artigo, individuando o nome, caracteriza-lhe o gênero e o número.”

Exemplos :

Uma palhaça

Uma illusão

O elogio

O valor

Para tanto, observa-se as ocorrências nominais sobre os pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos e indefinidos. Pereira (1926), os excertos dessa classe gramatical obedecem à relação de gênero e número com os substantivos que o sucedem.

Conforme, Silva na carta em *A imprevidência nacional*:

O que Matto Grosso contém como riquezas, em todos os reios da natureza, é digno das imaginações asiaticas , é simplesmente de entusiasmas e deslumbrar. Aliás, em taes condições e igualmente abandonados , não temos só esse, temos ainda os

outros grande Estados centraes: o opulentissimo Goyaz, por, exemplo, que agora nos está sendo revelado , graças á tenacidade de um dos seus filhos mais dedicados , o major Henrique Sila, que vem mantendo essa curiosissima publicação mensal , que se chama A informação Goyana.(SILVA,1920,p.3)

No trecho supracitado, analisa-se a relação de gênero e número definido por E.C.P (1926), em que os pronomes *essa*, *seus* e *esse* concordam com o nome que o sucede.

Para tanto, em RL. (2014) ocorre a explicação do uso dos pronomes estabelecendo a relação de dêiticos no *corpus*. “Indicam proximidade, ou afastamento, no espaço e/ou no tempo, em relação às pessoas de colóquio (emprego dêitico)” (ROCHA LIMA,2014,p.401).

Dentro dessa definição, Simones (1920, p.3) “E o vale formidavel do Amazonas, de que em sabio europeu disse que tinha, elle só, capacidade de nutrir todos os homens que hoje se acham espalhados pela superficie da terra?”. Em que o pronome *elle* refere-se à *sabio europeu*. (emprego anafórico)

Vale ressaltar a similaridade entre os estudiosos consultados, referente à sintaxe nominal dos pronomes, em consonância com os exemplos comentados.

Em relação à classe gramatical diagramada, o adjetivo, entende-se a relação gênero e número com o nome que o sucede,estabelecendo uma afinidade teórica demonstrada pelos estudiosos E.C.P(1926) e RL.(2014) no conceito da concordância nominal.

Para Pereira (1926,p.236) “O adjetivo quer seja *atributo* quer *predicado*, concorda com o substantivo a que se refere em GÊNERO e NÚMERO.”Observam-se nos exemplos;

Os extensos e valiosos terrenos

Afamados saladeiros

Grandes partidas

Vida pacata

Grande pilão

Em RL. (2014), define a concordância nominal referente ao adjetivo em:

Se o adjetivo modificar um só substantivo, tomará o gênero e o número deste: homem alto, mulher alta, homens altos, mulheres altas. Se houver vários substantivos, de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode ir para o masculino do plural, ou concordar apenas com o substantivo mais próximo. (ROCHA LIMA,2014,p.376)

Essa definição se aplica nos exemplos, mencionados.

No entanto, há o desvio na seguinte construção: “*A constantes inundações por ocasião das cheias*”. Existe o desvio porque não há adequação da sintaxe, em comparação à teoria apresentada pelo estudioso da língua portuguesa. “O artigo, individuando o nome, caracteriza-lhe o gênero e o número” (ROCHA LIMA, 2014,p.367). Nesta ocorrência, evidencia-se o desvio, pois o artigo definido feminino singular não concorda com o adjetivo feminino plural, que o sucede, conforme o número.

Na sintaxe da concordância nominal, referente à classe gramatical dos adjetivos nota-se o entendimento mútuo das definições dos gramáticos E.C.P(1926) e RL.(2014) ,consultados nessa pesquisa .

Ainda sobre a discrepância entre E.C.P (1926)e RL.(2014) em relação à sintaxe da concordância nominal, destaca-se a abordagem da classe gramatical dos numerais em que RL. (2014) ressalta, no entanto, E.C.P (1926), não tece comentário sobre essa classe gramatical em questão .

Conforme o estudioso da língua portuguesa:

Os numerais cardinais precedem sempre os substantivo; Os ordinais colocam-se antes ou depois do substantivo; preferentemente antes, quando se quer designar as partes antes

do todo; Antepõem-se, outrossim, os ordinais, em expressões fossilizadas, como as referentes aos dias da semana. (ROCHA LIMA, 2014 , p. 380)

A explanação sobre dita se encontra nos seguintes exemplos:

Na *Carta Mattogrossenses II- Viagem do Rio a Cuyaba de Simones(1920, p. 4)* “Em voz corrente da população, segundo se ouve de vaqueiros, camaradas e comerciante, que 400 corpos de mortos matados.”Em que o numeral cardinal precede o substantivo, conforme a definição de RL.(2014).

E, outro trecho do mesmo *corpus* de Silva:

Com mais um quarto de hora de navegação, com o sol quase no zenith, aporta-se a Corumbá, primeira cidade , por assim dizer, do Estado de Matto Grosso, apresentando-se toda enfeitada pelas rubras flores dos Flamboains e com o sei porto repleto de grandes e pequenas embarcações, dentre as quaes, se vêem as seguintes: “Etruria”, “Uruguay”, “Rio Cuyabá”, “Norte America”, “S.Luiz”, “Rio Taquary”, “Agachy”, “Nhandohy”, “Itajahy”, “Iguatemy” e “Itaqui”, o qual, duas horas se acha amarrada, singrando aguas acima, em demanda da capital do Estado, em festejos do bicentenario da sua fundação. (SIMOENS,1920,p.4)

Na citação supramencionada, observa a colocação do numeral ordinal antes do substantivo, empregando-se assim, a definição de RL. (2014).

Assim verificamos, após a pesquisa deste *corpus*, seguindo o procedimento metodológico da HL. :

Lembremos que a historiografia a respeito dos estudos da linguagem não toma como objetivo as línguas e seus fenômenos, mas o que foi dito e se diz a respeito dessas línguas e suas propriedades, nos diversos ramos da linguística, da filologia e da gramática (entre outras áreas, como a morfologia, a sintaxe, a semântica, a pragmática, os estudos do discurso, entre outros. Os trabalhos realizados nessas áreas são estudados pela historiografia, operando num segundo recorte, abordando, assim, o se tratou nesses campos, daí a configuração como uma metaciência, ou meta disciplina.(BATISTA,2013,p.103)

Complementado este pensamento, Batista (2013) acentua:

Em primeiro lugar, é preciso estabelecer que o conhecimento histórico de uma ciência e de uma área de saber pode tornar pesquisador e o estudioso de um campo um verdadeiro cientista intelectual. Do contrário, pode haver apenas a presença de um técnico. Ou seja, um linguista (ou um bom gramático) será realmente um linguista (ou um gramático) se souber avançar nos conhecimentos de sua área, mas também se puder recuar, em uma reflexão teórica, ao passado de seu campo de estudos. A Historiografia da Linguística colabora, portanto, para a formação de um pesquisador completo, por assim dizer, intelectualmente apto a realizar avaliações sobre o desenvolvimento de sua área de interesse. (*Idem, ibidem, p.105*).

As ocorrências coletadas, em relação à sintaxe da concordância nominal, após a pesquisa, retrata o tema da análise deste trabalho, com tímida evolução no período de, aproximadamente, um século. Comparando as ocorrências nominais nos corpus analisados, com o intuito de se verificarmos esse distanciamento de 1920, até 2016, os dados averiguados ressaltam os fatores externos e internos da língua.

Prontamente o historiógrafo, sintetiza:

Pode-se apontar também papel que a Historiografia da Linguística exerce, numa medida bastante dosada, em uma atividade introdutória aos estudos linguísticos. Há as especificações da área, os conflitos estabelecidos entre escolas e autores, o abandono, muitas vezes rápido demais, de modelos teóricos. Esses aspectos, dentre muitos outros, podem deixar o iniciante confuso com a ciência que escolheu para estudar. A Historiografia da Linguística serviria, então, para fazer o “arremate” das divergências, estabelecendo linhas de pesquisa, autores, escolas, modelos teóricos, numa dimensão crítica e interpretativa que seria capaz de oferecer uma base segura de reflexão ao iniciante. Nesse sentido, como aponta Koerner, a observação historiográfica pode ser em elemento unificador da ciência, já que promoveria uma análise, historicamente situada, dos alcances das diferentes especializações. (*Idem, ibidem, p.106*).

Totalizando este pensamento, Batista (2013) ressalta:

Além disso, a Historiografia da Linguística poderia evitar, por meio de seus recuos analíticos, julgamentos excessivos – positivos ou negativos – de determinada escola, autores e modelos, uma vez que a visão historiográfica pode fornecer o conhecimento do que foi proposto

pelos autores que se preocuparam com os fenômenos da linguagem.
(*Idem, ibidem, p.106*).

Deste modo, esses fatores são fundamentadas na HL., com o aporte -teórico de E.C.P(1926) e RL.(2014), direcionado pelos princípios de Koerner(1995) que descrevem os fenômenos da linguística numa abordagem HL.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de verificar o passado da sintaxe da concordância nominal da língua portuguesa a partir das *Cartas Mattogrossenses*, datada de 1920, que envolveram questões relacionadas ao aspecto gramatical do uso da língua, relativo à concordância nominal, no entanto, sob o enfoque externo da língua e do contexto do Estado de Mato Grosso do Sul, antes de sua divisão . Assim, verificamos como ocorre o uso das regras de concordância nominal, na escrita do *corpus* analisado.

Tais cartas levantam as ocorrências da concordância nominal, na perspectiva da Historiografia da Linguística, utilizando como parâmetro para a análise desta pesquisa a gramática de E.C.P (1926) e em contrapartida, melhor aproximação com a atualidade a obra de RL.(2014).

O procedimento metodológico aplicado segue os fundamentos defendidos por Koerner (1995), mediante os princípios: contextualização - visão analítica sobre os eventos dos estudos da linguagem empregados historicamente; imanência- análise da obra numa visão linguística; adequação – aproximação entre o passado e o presente das ocorrências dos elementos internos da língua.

Neste sentido, as pesquisas das *Cartas Mattogrossenses* se sucederam estabelecendo a seguinte ordem de análise: *A imprevidencia nacional*, desenvolvida para agradecer a coletânea da exploração de região Sul de Mato Grosso que deu origem as *Cartas Mattogrossenes. Carta Mattogrossense II –Viagem do Rio e Cuyaba*,em que retrata a viagem do Rio de Janeiro até Cuiabá,dando ênfase aos aspectos da natureza local e habitantes.Por fim, a *Carta Mattogrossense VI- À vida pastoril e agraria do Estado* retrata o desenvolvimento rural do Estado (Mato Grosso),com a participação ativa dos japoneses nesse cenário.

Os levantamentos obtidos, por meio da pesquisa,retratam a relevância desta busca referente à sintaxe da concordância nominal, em um parâmetro no período de aproximadamente um século, no âmbito da Historiografia da Linguística, em que constata as definições explanadas e apresentadas pelos gramáticos E.C.P (1926) e RL.(2014) que sustentam a bibliografia teórica da pesquisa em questão,pois não

sofrem alterações significativas que modificam a sintaxe unicamente na classe gramatical do numeral na obra de RL (2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. *A crase em Silhuetas (COUTINHO, 1922): uma abordagem historiográfica*. Niterói: Impetus, 2015.

ALMEIDA, M. E. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino da Língua portuguesa: um estudo historiográfico*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

CARVALHO DE JESUS, Luciana Martha. *A colocação pronominal em textos do Almanack Corumbaense (1898): Um estudo Historiográfico*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande: UEMS, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

GOMES, Nataniel dos Santos; FERREIRA, Michelle de Chiarra. *Um panorama da historiografia da linguística no Brasil*. Niterói: Impetus, 2015.

ISSAWA, Hiroco Luíza Fuji. *Documentos da Imigração Japonesa no Brasil (1908): Abordagem Ortográfica da Historiografia da Língua Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande: UEMS, 2014.

NARUTO, Masakatsu. *Histórico de Campo Grande*. Campo Grande: Associação Esportiva e Cultural Nipo- Brasileira, 2008.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva Curso Superior*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

SOUZA, Fabiana Pereira de. *A ortografia em Almanack Corumbaense: Uma perspectiva da Historiografia na Língua Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande: UEMS, 2013.

SOUZA, Neimar Machado de. *A história de sua gente*. Revista de divulgação do arquivo histórico de Campo Grande-MS. Campo Grande: Arca ,2007.

TAIRA, Tamashige. *As atividades das associações das colônias*. Campo Grande:Associação Esportiva e Cultural Nipo- Brasileira, 2008.

TAIRA, Tamashige. *Colônia Bandeira*. Campo Grande:Associação Esportiva e Cultural Nipo- Brasileira, 2008.

TAIRA, Tamashige. *Ao término da reportagem* . Campo Grande:Associação Esportiva e Cultural Nipo- Brasileira, 2008.

YAMAUCHI,Seiko;FUKICHI,Toshiyuki. *As marcas dos pioneiros*. Campo Grande:Associação Esportiva e Cultural Nipo- Brasileira, 2008.

YAMAUCHI,Seiko;FUKICHI,Toshiyuki. *Materias de referências*. Campo Grande:Associação Esportiva e Cultural Nipo- Brasileira, 2008.

YAMAUCHI,Seiko;FUKICHI,Toshiyuki.*Panorama profissional dos nikkeis*. Campo Grande:Associação Esportiva e Cultural Nipo- Brasileira, 2008.

YAMAUCHI,Seiko. *Impressões da redação* . Campo Grande: Associação Esportiva e Cultural Nipo- Brasileira ,2008.

SITES CONSULTADOS

www.achetudoeregiao.com.br/ms/historia_mato_grosso_do_sul.htm/ Acesso em: 02/04/2015.

www.bndigital.bn.br/artigos/o-paiz/ Acesso em:22/06/2015.

www.bn.br/biblioteca-nacional/missao/ Acesso em: 02/09/2015.

www.capital.ms.gov.br/arca/canaisTexto?id_can=4018/ Acesso em: 18/04/2015.

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00> Acesso em: 15/04/2015.

www.corumba.com.br/corumba/hist_div_est.htm / Acesso em: 18/04/2015.

www.ibge.gov.br/estadosat/ Acesso em :05/10/2015.

www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php/ Acesso em :05/10/2015.

www.infoescola.com/mato-grosso-do-sul/historia-do-mato-grosso-do-sul/ Acesso em :
05/10/2014.

www.mtseusmunicipios.com.br/economia/seculo-xix/595/ Acesso em 06/06/2015.

www.ms.gov.br/institucional/perfil-de-ms/ Acesso em 06/06/2015.

www.rio-curioso.blogspot.com.br/2010/06/o-paiz.html / Acesso em 06/06/2015.

ANEXOS

Anexo 1: Cartas mattogrossenses II

Domingo, 4 de janeiro de 1920.

VIAGEM DO RIO A CUYABA (Entre Porto Esperança e Corumbá)

O PAIZ - DOMINGO, 4 DE JANEIRO DE 1920

Inspeção de Portos

A POSSÍBILIDADE DO NOVO INSPEÇÃO

Dada a situação atual, em virtude da guerra civil, a inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono. A inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono. A inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono. A inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono.

Com a guerra civil, a inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono. A inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono. A inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono.

Com a guerra civil, a inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono. A inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono. A inspeção dos portos de Mato Grosso, em especial de Porto Esperança, encontra-se em estado de abandono.

Cartas mattogrossenses

VIAGEM DO RIO A CUYABA

Porto Esperança e Corumbá

Porto Esperança e Corumbá

Porto Esperança e Corumbá

Porto Esperança e Corumbá

Porto Esperança e Corumbá

EXPEDIENTE

Regamos aos nossos amigos e assinantes a fim de mudarem seu endereço para o novo endereço, para não prejudicarem a nossa publicação.

Quem quiser mudar seu endereço, deve avisar logo, para que possamos fazer a alteração necessária.

Trabalho Histórico Republicano

Trabalho Histórico Republicano

Trabalho Histórico Republicano

Trabalho Histórico Republicano

Trabalho Histórico Republicano

Trabalho Histórico Republicano

Porto Esperança, pequena povoação, de grande futuro, por ser ponto obrigado da escala da navegação nacional e da estrangeira, por enquanto argentina apenas, feita pela Companhia de Navegação “Nicolás Mihanowitch Limited” e extremo da viação ferrea do Estado, bem como de fronteira, possuindo posto alfandegário e a mesas de rendas, com grande área plana e de fácil escoamento, pela natural drenagem de que dispõe, pois que varios regatos, ali appellados de “Corichos”, a cortam em varias direcções, desaguando logo no Rio Paraguay, em cuja margem esquerda se acha assente; já se encontra, todo medido e dividido, segundo se pode ver na planta mandada fazer pelo seu proprietário, Coronel Deodécio Leito Aloreira, ali morador.

As casas desses povoados, inclusive, o hotel, são meros barracões de paredes e tacto de zinco ou barracas de madeira, fora as palhoças de pescadores e de camaredas, a serviço das invernadas circunjacentes.

Ha tambem o cemiterio local, onde raramente se faz um enterro, por ser o clima bom e o numero de habitantes relativamente pequeno, passando-se mezes, às vezes, sem se dar um só óbito nessa localidade.

No entretanto, é celebre esse cemiterio, pelo numero de corpos dados ali à sepultura, por ocasião da constricção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, devido aos constantes assassinatos praticados entre os trabalhadores da linha, então homens da peor especie, que para esse ponto afluiam, afim de ganhar a vida, fugindo à justa perseguição da polícia dos centros, onde delinquiram.

E voz corrente da população, segundo se ouve de vaqueiros, camaradas e comerciantes, que 400 corpos de mortos matados se acham naquele cemiterio, muito à superficie do solo, pela dificuldade que a rigidez do mesmo offerece, para abertura de tumulos ou valas. Continuando, porém, a vaigem, desse porto, aguas acima, depois de haver-se precorrido em viação ferrea 498 kilometros na Central do Brasil, 433 nas Inglezas e Paulista, e 1.273 na Noreeste do Brasil, ou sejam 2.204, em todo trajecto, feito directamente em 5 dias, deixa-se o comboio, mesmo a beira do rio, passando-se immediatamente para o vapor, na actualidade, exclusivamente, o “Fernandes Vieira”, uma das velhas unidades da nossa armada nacional, retormada e aproveitada para o serviço de transporte de cargas e passageiros entre Porto

Esperança e Corumbá, pertencente a firma M Cavassa e Filhos e arrendada à Monaco e C., ambas instaladas nos pontos acima referidos. Ma, isso só se verifica , agora, duas vezes por semana; a partida do vapor tem logar às terças e aos sabbados à noitinha, depois da chegada do trem da Noroeste do Brasil, que , pelo horario , deve ser às 6h , 09 da tarde.

Com a suspensão da Companhia Minas e Viação de Matto Grosso, a viagem das quintas-feiras foi supprimida, trasendo esse acto da mesma , graves perturbações na vida local do Estado. Conseguintamente, quem desejar fazer uma viagem directa do Rio a Corumbá deve deixar a Capital da Republica às segundas e quintas-feiras, de preferencia, pelos nueturnos para vão perder tempo, nem ser forçado a permanencias em caminhos;mas, attendendo-se a que a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil não trafega aos domingos , resulta que o excursionista directo, entre as duas cidades , supra referidas, é forçado para locomover-se com a maior brevidade, a partir da Estação da Central do Brasil , numa segunda-feira, diga-se , às 9h20 da noite , chegando a São Paulo na terça ás 8h50 da manhã , passando-se do comboio em que viajou , na propria estação da Luz, para e das estradas de ferro , em trafego mutuo , Ingleza e Paulista , que parte 35 minutos depois, isto é , ás 9h 20 da noite ; dahi , na quarta, partir ás 6h40 da manhã , chegando a Araçatuba ás 5h,10 da tarde; dessa villa paulista, partir , na quinta, ás 6h,10 chegando a Tres Lagoas ás 2h,50 da tarde ; dessa vila mattogrossense, seguir, na sexta as 4 horas da mnhã, chegando a Campo Grande ás 7 horas da noite ; dessa cidade partir , no sabbado , ás 4h,30 da manhã , chegando a Porto Esperança ás 6h,09 da tarde e passando-se logo de trem para o vapor, que larga o porto , dentro de duas horas, em demanda de Corumbá o tempo preciso apenas para o transbordo de passageiros, bagagens e cargas.

Uma nota de cartea importancia para quem viaja para o Estado de Matto Grosso é a alteração do tempo que observa, uma vez transposto o Rio Paraná , pela passagem para fuso horario diferente, soffrendo o relógio uma diminuição de 55 minutos .

A marcha do bom valor fluvial, permite ao viajante conhecer o quanto são baixas as margens do Rio Paraguay, estando, como se acham , facilmente sujeitas a constantes innundações por occasião das cheias, os extensos e valiosos terrenos, junto as mesmas.

Logo após a saída de Porto Esperança, encontra-se o Porto Rebojo, onde a grande empresa de G.C.Dickson tem um dos seus afamados saladeiros, preparando conservas e charques;depois é o do Morrinho, por onde embarcam grandes partidas de gado, de propriedade do Sr. Candido Lino Duarte e, era, seguida, o de Albuquerque , no qual o vapor se abastece de lenha.

Passando-na ora junto á margem direita, ora junto á esquerda, vai-se observando a vida pacata e paradisiaca do nosso cabacio:sem ambições e, por isso, sem ideias.

Uma palhoça, feita com a maior aingieza , de páos a pique e folhas de coqueiro, á beira do barraco, sem prestar a minima atenção ao risco das enchentes;uma ou duas redes armadas dos mourões da habitação para os galhos das arvores, que a protegem do rigor do sol; varios cães uns de caça, outros de vigia;alguns metros quadrados com platações de milho e de mandioca,formando sua exclusiva área agricola, ás vezes, uma moenda rustica ou um grande pilão de madeira, constituem , por assim dizer, o sitio de uma família, geralmente composta de 8 a 12 pessoas.

Rio muito piscoso, muita caça côco com fartura, qauquer dia da semana em que um dos homens do sitio trabalhe, de ordinario o chefe da casa,basta para que corra a semana no mais suave e confortavel descanso.

A viola, os canticos, os passeios da canôa e a constante occupação da rede causam a delicia dessa nossa boa gente do interior, permanecendo o paiz inculto e a sua população ribeirinha sem o menos peculio para qualquer commentimento.

Mais adeante, passa-se pelo Porto da Manga, para o qual concorram com seu gado não menos de 10 estancias.Já no dia seguinte, pela manhã, vê-se ao largo o Porto de Formigueiro,de prosperidade do estancieiro coronel Barros .Aguas volumosas, pardo escuro, o correerem constantemente os barracos, que lhes servem de margens, vão desaggregando das agua-pés, mormente por occasião das chales, enormes grupos de vegetação , que, formando depois extensas ilhas, vão fluctuando aguas abaixo, impedindo , não raras vezes, a navegação local, devido a ficar barrado o rio em toda sua largura, a ponto de verem-se forçadas as respectivas tripulações dos barcos, assim embaraçados na sua rota, a saltar sobre os mesmos, aos quaes

appellidam de “canalotes”, cortando-os a foice e a machado , afim de lograrem a necessaria passagem, pela desobstrução leita em horas de consecutivo trabalho. Por volta das 9 horas contorna-se o Porto do Rabicho, exclusivamente de lenha, que, como varios outros dos nossos rios se limita a uma rampa, escorada aqui e ali por pedras e pedaços de madeira de lei, á certa altura fincados, para a competente amarração das embarcações, que frequentam . O vapor , vai navegando, ora sob causticante acção do sol dessas plagas, ora fruindo suaves e amenas brisas, que certas curvas lhe proporcionam permitindo ao viajante apreciar os golpes de vistas que, de momento a momento, apparecem, detacando-se delles, ao longe, a bella serra do Urucum , onde se acham as celebres minas de manganez, hoje pertencentes á Companhia Minas e Viação de Mato Grosso, com uma linha ferrea de 22 kilometros, em trafego, para transporte do minerio de lá ao porto Ladario ; até que, contorna esse historico lugar do grande rio internacional, deixando ver-se, no alto o proprio nacional, dividido com o Arsenal de Marinha e em Escola de Aprendizes Marinheiros com um posto do telegrapho sim fios, de grande utilidade local; e na suppsota bahia, ancorado: o aviso “Oyapoc” e o monitor “Pernambuco”, construído no nosso Arsenal de Marinha do Rio e amarrado a uma bola, o caçatorpedeiro “Gustavo Sampaio “, completamente desarvorado, da ex-esquadra do almirante Gonçalves e do Comandado de Altino Correia.

O vapor ahi pára apenas sobre agua, para receber ou desembarcar passageiros e suas respectivas bagagens.

Desde que o Lloud Brasileiro arrendou a navegação dessa região á companhia supra citada, foi suspenso o ensino de pratigagem que vinha sendo dispensado aos joves aprendizes, aos nossos marinheiros de amanhã, acarrentando-nos tal acto prejuizo de não pequena monta , attenta á categoria das aguas, cujos segredos de navegação muita utilidade nos trará o seu mais amplo conhecimento.

Logo acima de Ladario , tem o viajente oportunidade de observar o que é muito vulgar no rio Amazonas, a saida de diversosos pontos das margens, dos filhos dos caboclos, residentes no alto dos barracos , em suas esquiras canoas completamente nús, a gritarem e a rirem , afim de gozar das pequenas gavas, formandas pelas rodas do vapor, em cuja esteira se balouçam , numa aleria ingenua e sadia, como soa ser a do primeiro perigo da vida, da infancia, propriamente dita.

As 11 horas , mais ou menos, passa-se pelo antigo forte do Limoeiro, junto do qual se acha edificado o quartel , que durante muito tempo alojou o velho 13ºregimento de infantaria, ocupado hoje pelo 61ºe 62º batalhões de caçadores.

Pouco adiante , no local denominado “Borrowski”,vê-se, no alto de uma elevação , a cavalleiro do barranco , o antigo quartel do 21ºbatalhão de infantaria e , á margem das aguas do Paraguay, entre outras embracações encostadas, acham-se a mercê de todas as latemperies o “Coxipó”e o “Ibicuhy”, velhas unidades do Lloyd Brasileiro.

Com mais um quarto de hora de navegação, com o sol quase no zenith, aporta-se a Corumbá, primeira cidade , por assim dizer, do Estado de Matto Grosso, apresentando-se toda enfeitada pelas rubras flores dos Flamboains e com o sei porto repleto de grandes e pequenas embarcações, dentre as quaes, se vêem as seguintes: “Etruria”, “Uruguay”, “Rio Cuyabá”, “Norte America”, “S.Luiz”, “Rio Taquary”, “Agachy”, “Nhandohy”, “Itajahy”, “Iguatemy”e “Itaqui”, o qual, duas horas se acha amarrada, singrando aguas acima, em demanda da capital do Estado, em festejos do bicentenario da sua fundação.

A viagem do “Fernandes Viera”de Porto Esperança a Corumbá, feita em 16 horas, vencendo 90 milhas maritimas, ou pouco mais de 166 kilometros, é relativamente confortavel e, bem assim, relativamente cara.

Assim , pois, gastam-se cerca de 6 dias e percorrem-se 2.370 kilometros, dos quaes, 2.204 por estrada de ferro e 166 por viação fluvial , do Rio de Jaeniro , capital da União á Corumbá, principal cidade do Estado de Matto Grosso.

Corumbá, E.de Matto Grosso, 30 de Novembro de 1919.

SIMOENS DA SILVA

“Ver para crer” é positivamente o rifão a empregar-se em referencia ao que o Estado de Matto Grosso e o que será elle dentro de poucos anos, não só com relação á pecuaria, mas, tambem, á produção agricola .

Uma simples viagem de inspecção deixa no espirito do itinerante a mais segura convicção de que, por menor que seja o capital empregado , o resultado será infalível; bem assim, que para proporcionar o bem estar e á fortuna a boa e operosa imigração , que para elle concorra, as suas terras e a fertilidade do solo constituem um facto indisentivel .

As enormes e gordas boiadas, saidas do Estado, bastariam quando outros elementos, por ventura, falhassem, para provar incontestavelmente o extraordinario valor das suas invernadas possuidoras dos interminaveis e viçosos campos.

Por qualquer campina que se passe, a qualquer curral ou potreiro que se chegue, e todos os animmaes são gordos, robustos e esportos signaes evidentes dos pastos onde se nutrem, confirmando o adagio de que “O gado é o espelho dos campos.”

Como atestado incontestavel do que seja a precaria nesse longinquo Estado da União, é digna de nota a carne verde, ali consumida, tão boa como a que se encontra nos mercados de Londres ou de Buenos Aires.

Outro grande elemento de prova, fornece o leite ,cujas vaccas, independente das ricas e perennes pastagens, com especialidade as do sul,alimentam-se ainda com frutas e cocos ,transmitindo-lhe esplendido paladar e indiscutivel poder nutritivo.

Assim, na época do coco Bocayuva, o leite fica muito gordo, todo coberto de nata amarela e, muito perfumado e, na da manga, adocicado, muito saboroso e odor a terebenthina.

Exposto muito summariamente o que e respaita á pecuária do Estado , não deixa de ter oportunidade o que, sobre o assumpto, disse o bispo presbyteriano americano Mr.Brown ,em 1914 de regresso aos Estados Unidos da America, depois de haver habitado, por 23 annos, o Estado do Rio Grande do Sul.

Seguia viagem no vapor *Vanban*, da Companhis Lamport and Holt , esse respeitavel pastor, estrangeiro de nascimento e brasileiro de coração , conforme mais

de uma vez se manifestou, e, á passagem da linha equatorial , numa das noites numa bella de festas a bordo, usando da palavra numa bella conferencia sobre a nossa Patria, relatou o que ouvira da commissão anglo-americana, que vindo escolher centros apropriados á criação pastoril, para exploração das respectivas industrias, estivera, antes na Australia, Africa do Sul ,Estados Unidos da America, Mexico, Argentina e Uruguay, percorrendo , uma vez aqui, os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná , Matto Grosso, Goyaz e Minas , declarando-se satisfeitíssima e enthiasmado com o Brasil, ultimo dos paizes a que aportou , segundo o itinerario preestabelecido, por concorrerem ahi varios factores, da mais relevantes importancia, para proclamar- os melhor de todos os percorridos, para o fim em questão .

Disse mais o bispo Brown que essas notaveis condições de preferencia eram muitas e multiplas, sendo inclusive as seguintes:

Extensissimas e sempre verdejantes campinas, de pastos nativos;aguadas movimentadas pelas correntes dos rios e regatos;terras accidentadas, em sua maioria, livre , portanto , das funestas inundações ; capões de matto para abrigo do gado na época invernosa e, no sul , grande quantidade de pinhão e, no norte , de jaca e de mangá , para auxiliar a engorda dos rebanhos.

E sempre de grande conveniencia para nós conhecer o modo de ver e apreciar do elemento estrangeiro consumidor da maior parte dos nossos productos externado com a proficiencia da referida commissão e, a todos os passageiros do grande paquete inglez , transmitida, ha cinco anos passados, por este reverendo americano que, com muita sinceridade, se manifestou pela fôrma como ficou exposta.

De posse dessa valiosa opinião e, uma vez percorridos varios dos Estados indicados, com especialidade Matto Grosso, conclue o itinerante dessa parte do Brasil e do continente americano, conseguintemente, por dar toda razão a quem a reputou a melhor e a mais propicia para o centros de industrias pecuarias.

O proprio governo do Estado, conhecendo agora a importancia das suas terras devolutas, só consente em aforal-as por preços bem diversos dos que as dava, ha cerca de ano lustro passado.

Assim , uma legua quadra de campo, ou 3.600 hectares nas regiões do sul, custa actualmente a quantia de 10;800\$, aforada directamente ao governo do Estado, e de 15;000\$ a 50;0000\$, comprada nos proprietarios particulares.

Fazendas há , nessas regiões, que, compradas ha poucos annos atrás, quintuplicaram e, até algumas, decuplicaram já de valor.

O movimento em toda essa parte do Estado é palpavel e o progresso continuo, deixando ver claramente o grande surgimento dessa região brasileira .

Mas não é só em assumpto pecuario que se nota essa promissora agitação ; no que respeita a agricultura, propriamente dita, muito já se tem feito e, a evolução nos methodos agrarios e no aproveitamento do braço, se manifesta a cada passo, por todos os pontos dessa rica zona do interior do paiz .

De 1872 para cá é que começou –se a povoar a zona sul do Estado, pela fundação do povoado de Campo Grande pelo velho sertanejo José Antonio Pereira, que não pode ver elevado á categoria de villa, por ter fallecido antes que esses seus sonhos dourados se realizassem, o que só teve lugar em 1899;progredindo desassombradamente de 1914 a esta parte , devido a haver ali chegado , nesse anno , a primeira locomotiva da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, trazendo as primeiras facilidades de vida ao lugar, que só, finalmente , em 1918. Ficou sendo cidade, pela lei n.772 de 16 de junho desse mesmo anno.

O centro dessa abençoada zona do Estado, que outro não podia ser, senão mesmo a cidade de Campo Grande , acha-se situada a 20.'27'15"de latitude sul e a "36.33"de longitude oeste do Meridiano o Rio de Janeiro , collocando a 735 metros sobre o nivel do mar, gozando do clima muito ameno, com maximas barometricas no verão , de 39 c , de dia e brisas refrescantes à noite; no inverno, de 0 c centigrado , com forte sol, que muito atenua o rigor do frio, com 60,000 kilometros quadrados de superficie, sendo a melhor das salubridades desejadas, sem enfermidades endemicas, nem epidemicas, e, com o seu terreno de recente formação geologica devoniana.

Pois bem, para essas terras está convergindo a immigração europea e asiatica, com especialidade a japoneza.

Essa colonização parece adaptar-se admiravelmente ao nosso paiz, da mesma fórma como se firmaram entre nós a allemã e a portugueza. Trabalhadora, hygienica, alheia ás paixões politicas locais, e, de todo, progressiva para si vive, convivendo, portanto, exclusivamente com os da sua raça, sem o menor cruzamento com os filhos do paiz, para onde emigra, assim concorrendo para manter o intacto o typo de origem e evitar o supposto perigo amarelo!

Não ha uma só pessoa no Estado de Matto Grosso, que se manifeste contra ella, muito ao contrario, todos que, com a mesma lidam, tecem-lhe os maiores encomios.

E razão de sobra para isso têm, pois, certos e determinados pontos do Estado, onde não havia um só legume, uma só herba das muitas procuradas, agora, depois da vinda dos japonezes, se acham perfeitamente bem providos desses indispensaveis elementos de nutrição, que tanta falta faziam a regiões, como essas onde a temperatura é alta de mais e a alimentação de carne verde chega às raias do abuso.

Em Campo Grande, onde tem elle o seu quartel general, como bem se póde dizer, e, onde já fundou uma escola para as crianças do lugar, inclusive as suas tem feito esplendidas plantações, vendendo de tudo na cidade por preços commodos e retirando-se em seguida para as suas moradas e lavouras.

O seguinte facto basta para provar a vantagem que terá o Brasil com a vinda, em mais larga escala, desse elemento de colonização para as suas terras agricolas.

Em Campo Grande a batata de Lisboa custava 43\$ por caixa. Os japonezes colheram a que ali plantaram, reputada de primeira qualidade e venderam-n`a por 25\$ apenas o involucro era diverso, em vez de caixa, era sacco, tendo ambos identica quantidade ou peso, e, ao terminar da safra, até por 20\$ liquidar a ultima colhida.

Isso quer dizer que, desbancaram a batata estrangeira, fizeram-nos ver que o nosso solo produzia melhor producto do que o importado e que podia ser vendido por metade de preço que vinha alcançado, o outro, deixando ainda assim lucro bastante ao lavrador.

Varias plantações têm sido feitas de canna de assucar, milho, feijão , arroz, mandioca , sem falar das optimas experiencias do trigo e da aveia .

Nas horas vagas, entretem-se homens, mulheres e crianças com a pescaria , um dos seus mais seductores divertimentos e banhos nos riachos e lagoas , todos na mais completa nudez.

Os ha tambem habéis officiaes de carpinteiro, pedreiro e pintor. Como empregados da linha da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, se vêem varios , nas diversas turmas de conservação, trabalhando com os cablocos e os colonos europeus sempre prazenteiros, porém, reservados e operosos.

Pelo que se observa no Estado de Matto Grosso, só ha razões para bem dizer da colonização japoneza, servindo , a ali já instalada e em franca prosperidade, de modelo a maiores levas , que se venham e encaminhar para a nossa patria .

Tudo isso vem demonstrar o grande valor das terras mattogrossenses e a sua extraordinaria importancia para a agricultura.

Quanto aos ceraes, legumes e forragens, já ficou , embora ligeiramente tratado, exposto o enorme resultado produzido pelas suas multiplas plantações, não obstante serem as mesmas, ainda em numero exageradamente diminuto , com relação á extensão das zonas , a ellas apropriadas, por quasi todo o Estado . Porém , no tocante á pomicultura ,é que passa dos limites , até hoje conhecidos.

Imagine-se , só para começar, que as laranjas doces, por todas as regiões do sul , reverdecem!

Depois de attingirem ao auge da maturidade , vão se contrahindo , perdendo a cor de ouro, que tanta belleza dá á arvore e , confundindo-se , afinal, já no colorido de esmeralda, com as muitas folhas que protegem dos rigores do calor ou do frio, assim conservando-se até o outro anno, quando voltam ao primitivo estado , com todas as suas qualidades e, de novo, promptas ao franco consumo.

Produz essa região sul do Estado , não só frutas silvestres, que lhe são peculiares, mas tambem as das zonas torrida e temperada, como se poderá concluir da lista a seguir :

Gabiróba, guabira, pitanga, guabijú, pitomba, jaboticaba, sepotá, coroa de frade, bacupari, grão de gallo, figo do campo, arichicum, mangaba, cascudo, jatobá, ingá, piqui e outras, todas ali nativas.

Laranja, banana, manga, romã, abacate, jaca, sapoti, abricó e outros dando ali como em qualquer ponto do norte do Brasil. Maçã, pera, ameixa do Jupão, morango, kaki, uva, marmelo, figo, pecego, perfeitamente acclimadas ao local.

A respeito do reverdecimento da laranja, no lugar denominado Lagoinha é onde melhor se pôde apreciar essa peculiaridade mattogrossense, pois ali existem frondosos laranjeiros, com 40 annos de proficua existencia.

Uma nota interessante é a constituída pela manga, nas regiões do S. Lourenço e do Cuyabá.

As mangueiras á beira rio, geralmente junto aos portos particulares dessa região, pesadas de frutas, em grande parte maduras e saborosas, parecem ter, para os seus proprietarios, apenas applicação para sombra, porque os passageiros dos vapores e lanchas, por ali desembarcados, enquanto aguardam a saída dos mesmos, tiram, a páo e pedra, mangas sem conta, não se incommodando, os donos do lugar com tal procedimento, com o qual ainda se comprazer, por vel-as assim aproveitadas, do contrario iriam servir, como de costume, para engordar porcos, vaccas, e até jacarés, ali existentes aos milheiros, qual as procuram na linha d'agua, junto ao barranco, dia e noite.

Terra da promessa o Brasil, onde producção de tanto valor é deixada para alimento de quadrupedes e reptis!

O Piqui ;é celebre, em todo o Estado, pelo licor que delle fazem, em certos engenhos e em algumas casas particulares. sendo tido como um perfeito succedaneo do congenero cacáo.

A canna de assucar, typo Sanangor, alcança o peso de 10 a 12 kilos, cada uma, ficando as touceiras tão fechadas, com as raizes tão trançadas, que dão muito trabalho aos lavradores, ao executar a sua safra.

Para terminar, não deve, nem pôde ficar sem uma referencia a mandioca, pela pujança que alcança nessa privilegiada zona sul, onde uma raiz, com um anno de

idade, mediu tres metros de comprimento, ficando por muito tempo em exposição ; assim como em pé, cheio de raízes, pesando 32 kilos, não achou comprador pelo preço de 8\$, pedido pelo dono do mesmo.

E o lavrador, o cultor de tudo isso, reside , em geral, em modestissimas casas, feitas de esteio de carandá e cobertas de palmas de urucury, tendo, algumas as paredes de bambu taquarussú, seccionado de dois em dois metros e abertos longitudinalmente ao meio .

E, um Estado como esse, continúa afastado dos centros vitaes da União , por falta apenas de meios de viação immediata.

Cuyabá, Estado de Matto Grosso, 8 de dezembro de 1919.

SIMOENS DA SILVA.

Nós não precisamos fazer o elogio da serie de “Cartas Mattogrossenses”, que o Dr. Simoens da Silva tem publicado nesta folha. O illustre americanista , habituado aos modernos methods scientificos, baseia os seus escriptos na mais rigorosa observação. E vem dàhi o valor delles e o alto interesse que apresentam.

O que Matto Grosso contém como riquezas, em todos os reios da natureza, é digno das imaginações asiaticas , é simplesmente de enthusiasmar e deslumbrar.

Aliás, em taes condições e igualmente abandonados , não temos só esse, temos ainda os outros grandes Estados centraes: o opulentissimo Goyaz, por, exemplo, que agora nos está sendo revelado , graças á tenacidade de um dos seus filhos mais dedicados , o major Henrique Silva, que vem mantendo essa curiosissima publicação mensal , que se chama *A informação Goyana*.

E o vale formidavel do Amazonas, de que em sabio europeu disse que tinha, elle só, capacidade de nutrir todos os homens que hoje se acham espalhados pela superficie da terra?

Mas a verdade é que todas as nossas riquezas jámais passarão de uma illusão- se não soubermos aproveitá-las. E fazemos, desgraçadamente , peor do que abandoná-las.

O brasileiro constitue um dos povos mais imprevidentes do mundo. É natural, porque vive na abundancia, e os governos jámais souberam incutir-lhes essa preciosa virtude , como jámais souberam cuidar com eficiencia dos seus sagrados interesses.

Além de não explorarmos as nossas riquezas, depredamol-as tão irracional quanto uberrimas, disseminando o deserto, com a guerra implacavel e estúpida ás especies animaes, com a sinistra e selvagem destruição da vegetação.

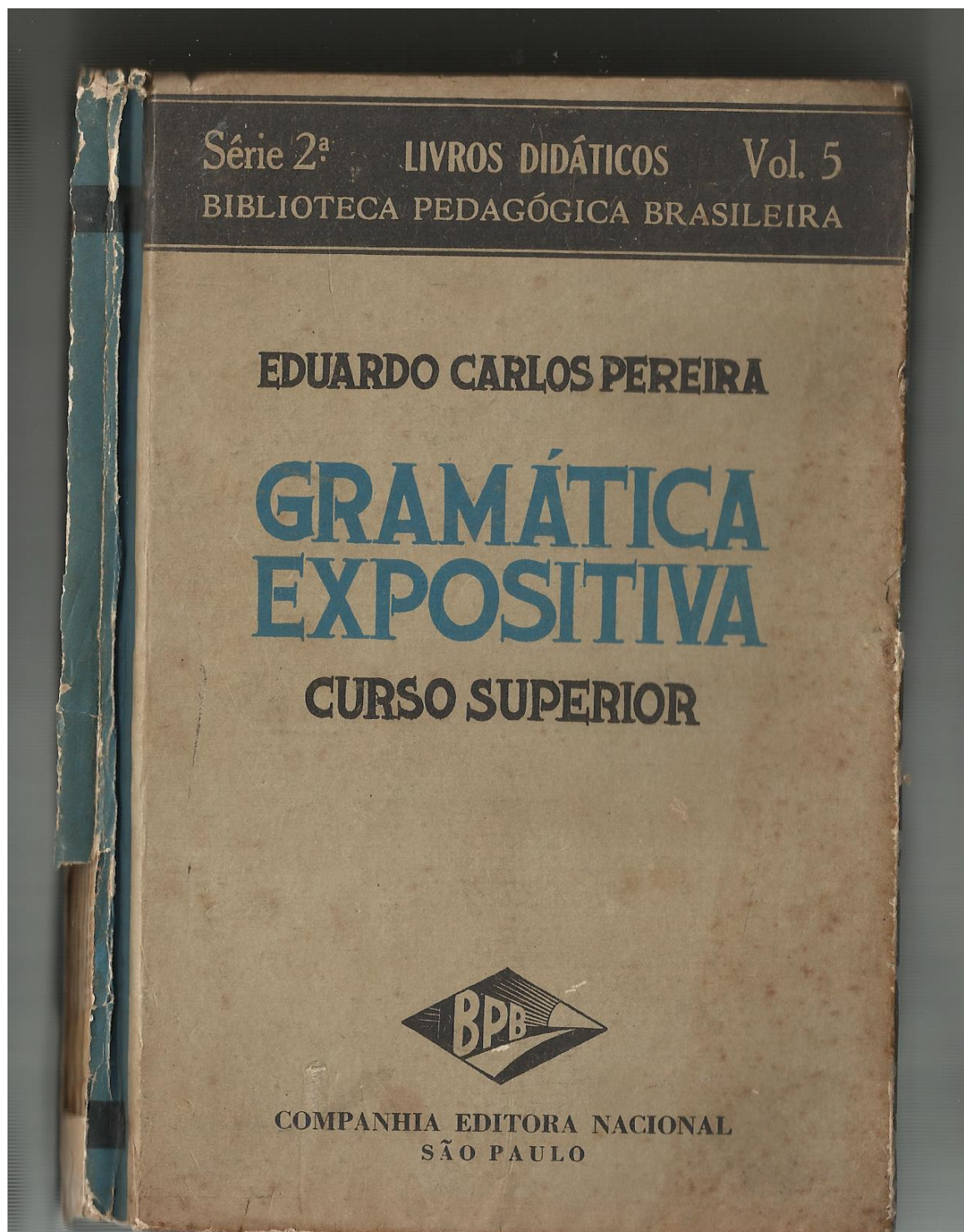
Os estudos do Dr. Simoens da Silva sobre Matto Grosso têm isto, principalmente, de impressionante: mostram, ao par de riquezas inconcebiveis, o truculento e incessante esforço humano de desvastá-las sem qualquer utilidade pratica, de aniquilá-las ferozmente...

Até onde nos levarão os actos da velha imprevidencia nacional, a pratica generalizada do *lenocinio do nosso solo* , como admiravelmente dizia Alberto Torres, se os governos não conseguirem organizar a reacção e a defesa?

Vamos completar o primeiro século de independência . E todos os nossos governos, o federal como os estados, precisam aprender a olhar com um pouco de inteligência e de carinho por este tão grande e ainda tão desamparado país.

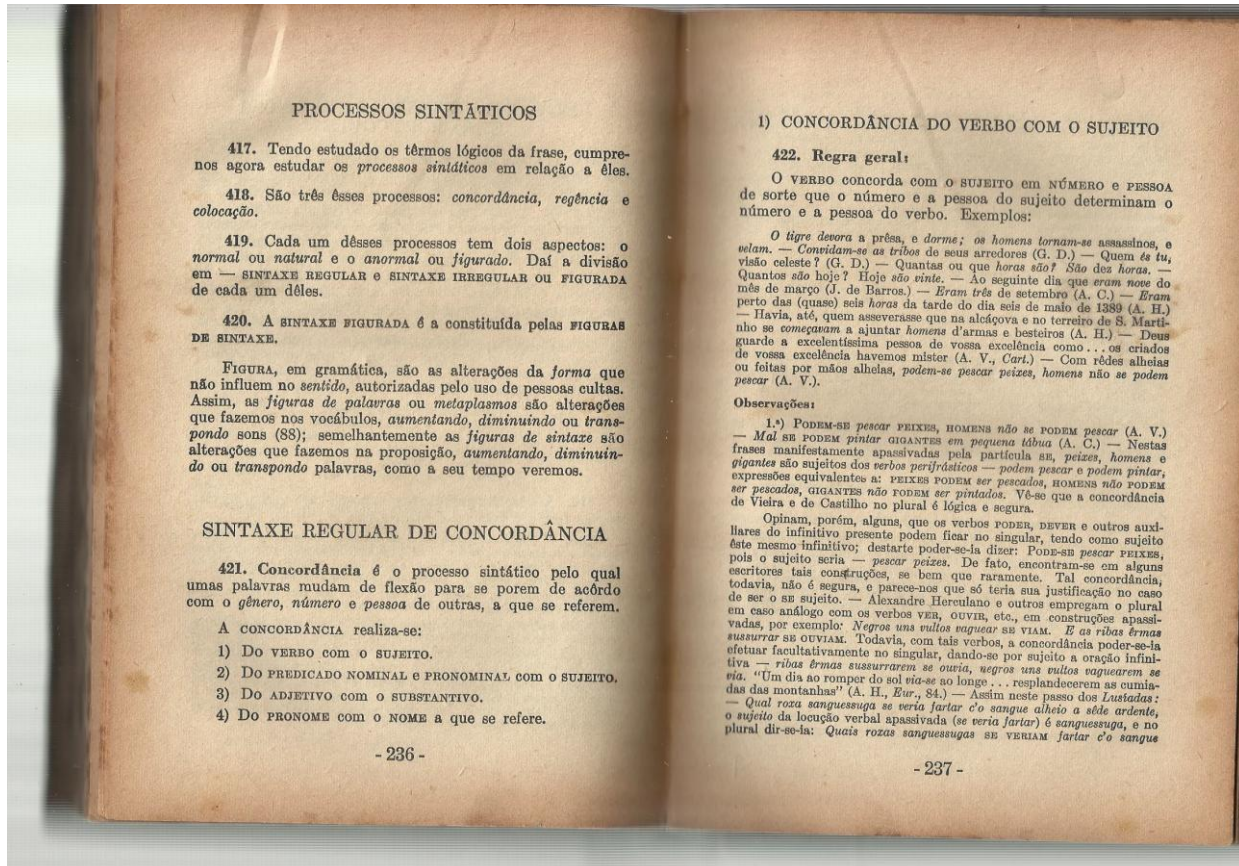
A imprevidência nacional, 29 de janeiro de 1920.

Henrique Silva

Anexo 4: A Gramática Expositiva Curso Superior, Pereira (1926)

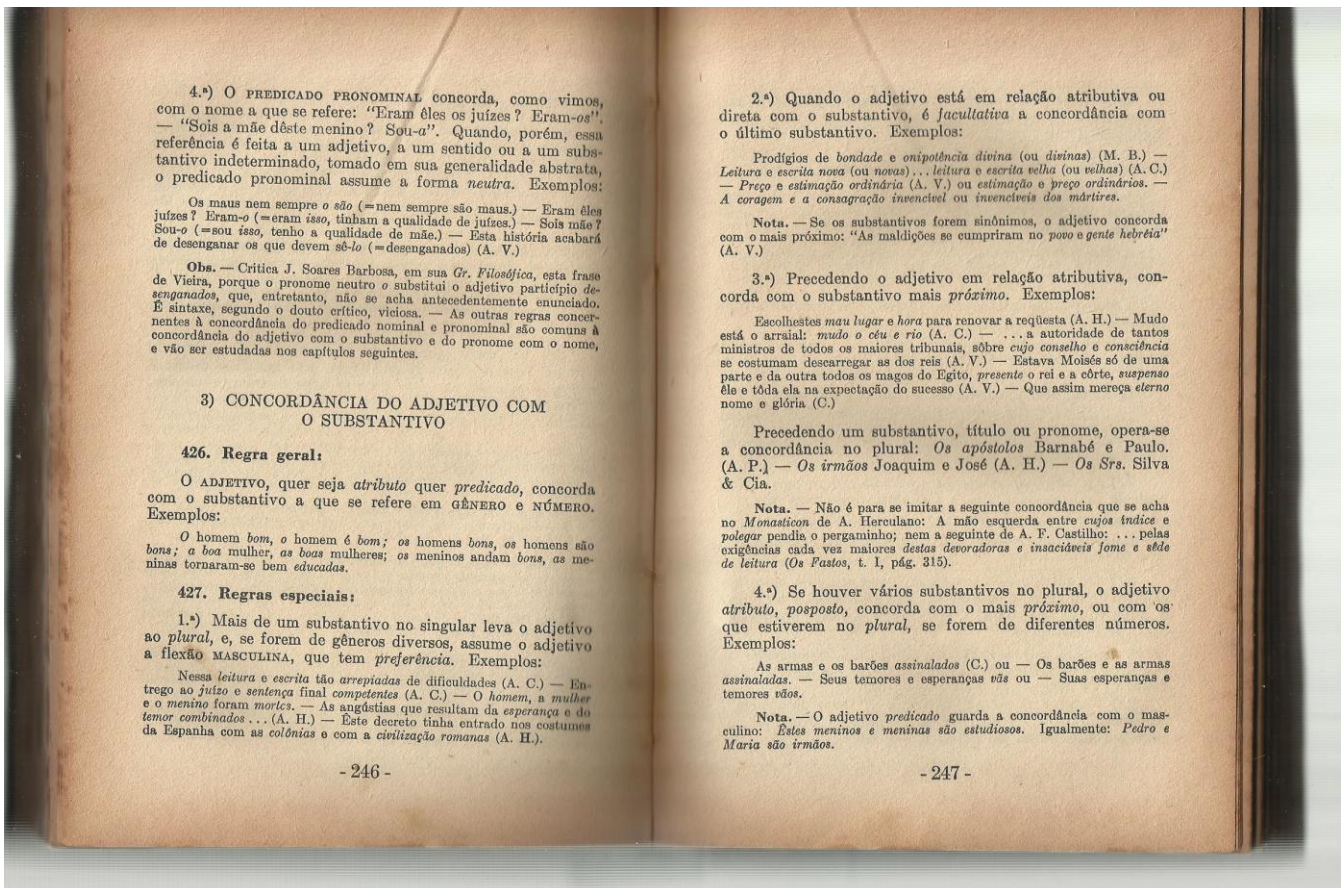
fonte: PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva Curso Superior*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.

Anexo 5: A Gramática Expositiva Curso Superior, Pereira (1926)



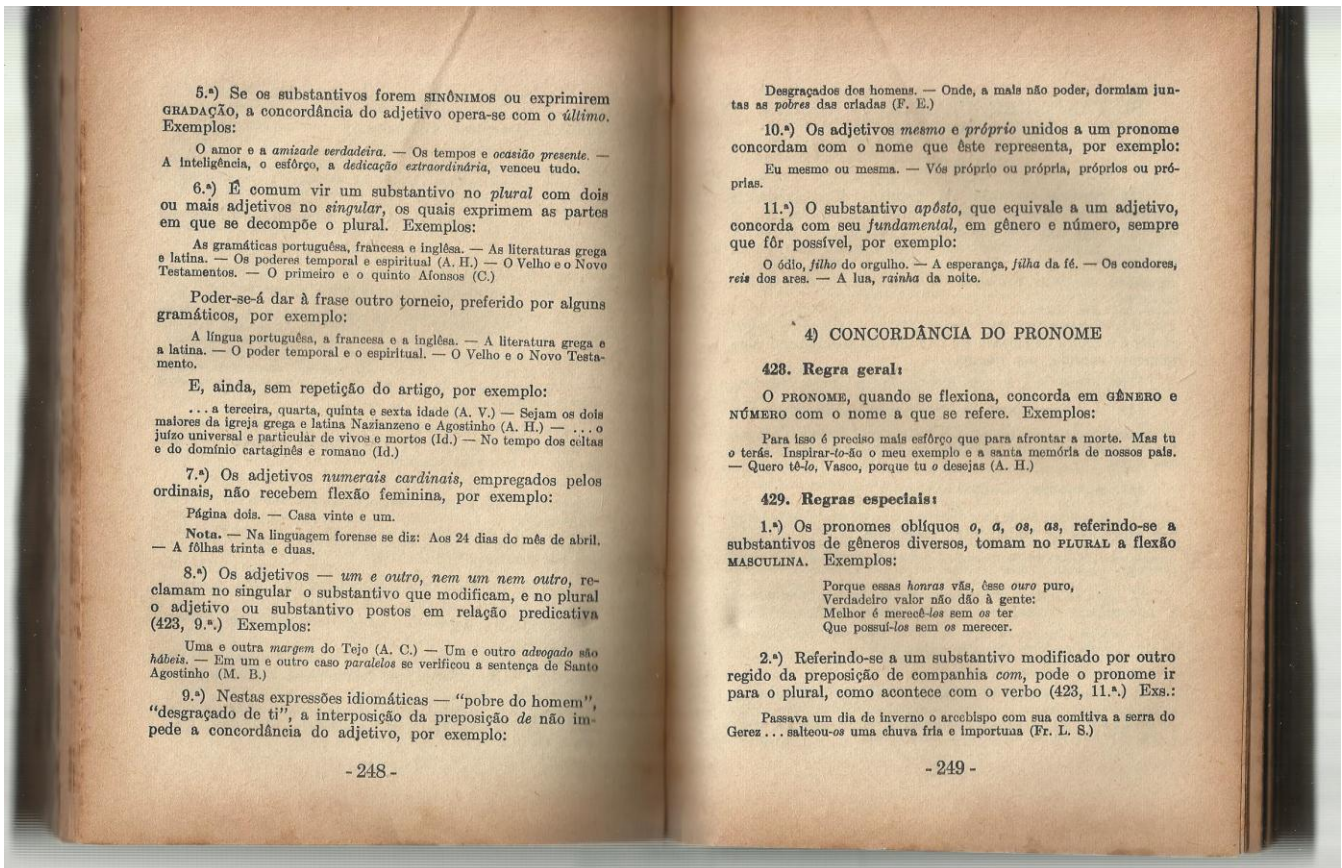
Fonte: PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva Curso Superior*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926. (pág.236)

Anexo 6: A Gramática Expositiva Curso Superior, Pereira (1926)



Fonte: PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva Curso Superior*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926. (pág.246)

Anexo 7: A Gramática Expositiva Curso Superior, Pereira (1926)



Fonte: PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva Curso Superior*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926. (pág.248)